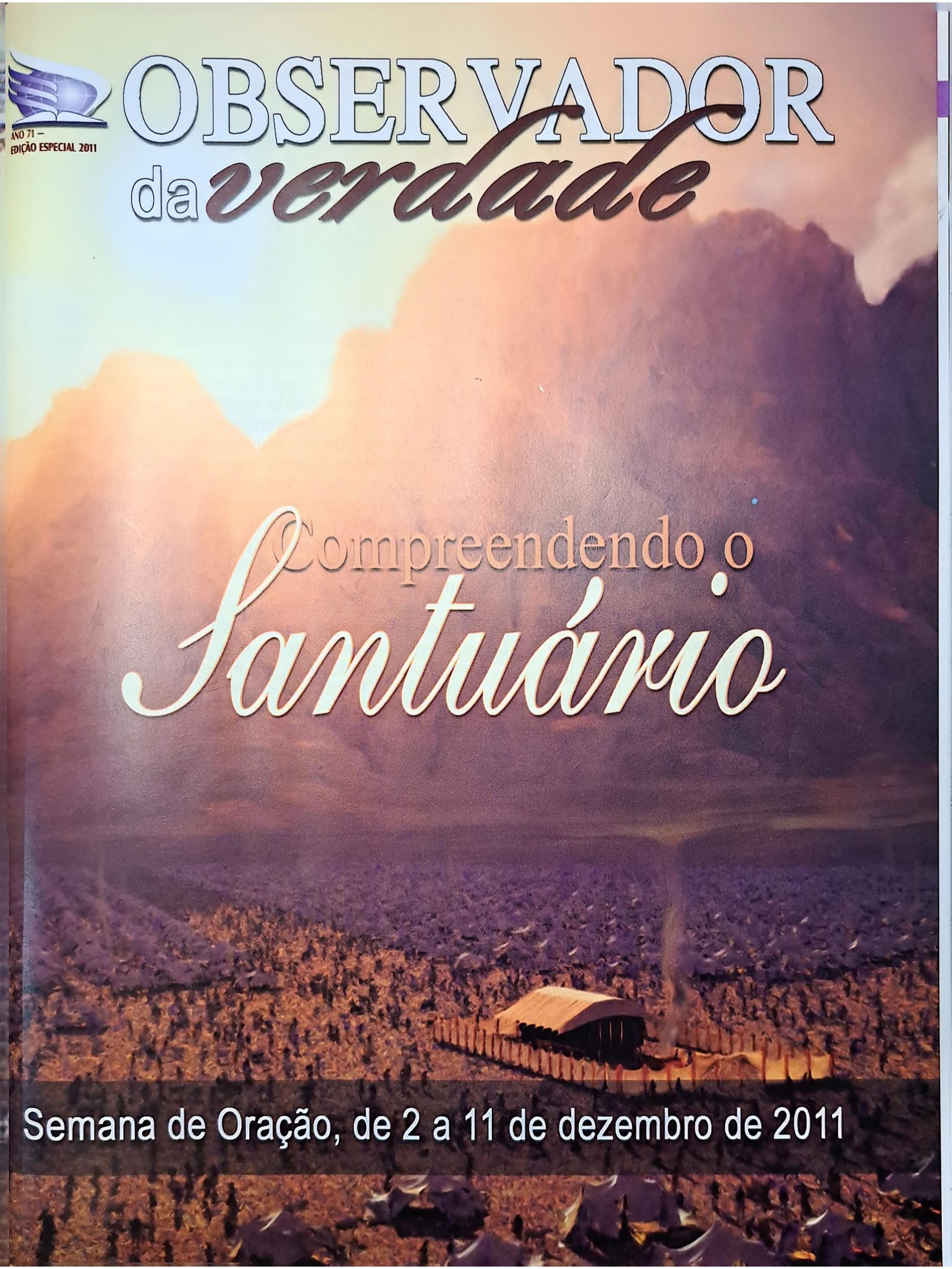
ANO 71 –
EDIÇÃO ESPECIAL 2011

OBSERVADOR da verdade



Compreendendo o Santuário

Semana de Oração, de 2 a 11 de dezembro de 2011

OBSERVADOR da verdade

Semana de Oração
De 2 a 11 de dezembro de 2011

Neste número:

• Jesus, o Filho de Deus: A divindade de Cristo **5**
Deus em carne humana concede mais do que força humana!

• Jesus, o Filho do homem: A humanidade de Cristo **10**
Verdadeiramente nosso Irmão mais velho, mas sem mancha de corrupção.

• Jesus, nosso Sumo Sacerdote **15**
Ele entende, Ele intercede, Ele purifica.

• O novo concerto **20**
Com a Lei escrita em nosso coração, a vitória é agora possível.

• Sangue no lugar santíssimo **25**
O santuário do novo concerto é purificado pelo sangue do próprio Filho de Deus.

• O grande dia da expiação **30**
Agora é o tempo de confessar nossos pecados e deles nos arrepender.

• Olhando para Jesus **35**
Neste mundo escuro, nossa única esperança é olhar para o alto e viver pela fé.

• Recebendo a vitória **40**
Esperança mediante o santuário expressa em poesia.

É mais do que uma teoria, mais do que um estudo. Seguir Cristo para dentro do lugar santíssimo do santuário celeste é uma experiência. Envolve uma caminhada diária com Ele.

Sim, muitos enfrentaram difíceis provas durante o ano que passou. Muitos sofreram angústia e tristeza. Mas pela graça de Deus, e por Sua grande misericórdia, aqui estamos, ainda na terra dos vivos. Há tanto pelo que ser grato, tanto pelo que pedir ao trono da graça. Há um grande trabalho à frente para cada um de nós em 2012; então, fortifiquemo-nos espiritualmente.

"Precisamos congregar-nos em torno da cruz. Cristo, e Ele crucificado, eis o que deve constituir o tema de nossas meditações, de nossas conversas, e de nossas mais gratas emoções. Devemos conservar em mente todas as bênçãos que recebemos de Deus e, ao compreendermos o grande amor que nos tem, havemos de nos sentir atraídos a confiar tudo às mãos que foram por nós cravadas na cruz."[1]

Por favor, compartilhem estas leituras com membros isolados e com os presos, lembrando:

• SÁBADO, 10 DE DEZEMBRO DE 2011: ORAÇÃO COM JEJUM.
• DOMINGO, 11 DE DEZEMBRO: OFERTA ESPECIAL PARA NOVAS MISSÕES.

Que o Senhor derrame Suas grandes bênçãos sobre todos os que O buscarem durante este período especial de consagração.

1 *Caminho a Cristo*, pp. 103 e 104.

OBSERVADOR DA VERDADE
Semana de Oração
NÚMERO ESPECIAL DEZEMBRO/2011

Órgão oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia – Movimento de Reforma – no Brasil.
"A época em que vivemos está reclamando uma ação reformadora". Testemunhos par a igreja, vol. 4, p. 488

Editoria: D. Sureshkumar
Tradução: Danielle Fonseca Dias

Revisão: Isaías Lima
Diagramação: Mariano Santiago

Esta edição é tradução integral de THE REFORMATION HERALD, órgão oficial da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia – Movimento de Reforma. P. O. Box 7240, VA 24019-0240 Roanoke, Virginia, EUA.

Impresso pela Editora Missionária "A Verdade Presente"
Caixa Postal 75 - CEP 08570-970 Itaquaquecetuba, SP
Telefax (11) 2198-1800
emvp@emvp.com.br
Ilustrações: Adventist Digital Media; Good Salt; Higher Clips; Joe Maniscalco; SermonView.com.

O Livro-Caixa do Céu

No estudo de contabilidade, é ensinado um princípio básico a respeito das importantes tarefas envolvidas no registro e na manutenção das informações financeiras dos valores confiados a certa entidade – seja ela um empreendimento, uma organização, igreja, família ou qualquer outra. O contador deve manter registros precisos e meticulosos de todas as questões pertinentes à entidade, listando do maior montante ao mais minúsculo centavo como débito ou crédito, tudo registrado minuciosamente. Essa informação é mantida num livro-caixa (balanço contábil).

De modo semelhante, também o Criador e Mestre do Universo mantém o mesmo tipo de registros vitais. Neste caso, os recursos mais valiosos em Seu redil são pessoas feitas à Sua própria semelhança. Ele mantém um livro-caixa com o nome delas e um cuidadoso relatório de todos os seus atos – tanto bons quanto maus. É Seu mais sincero desejo torná-las 100% à prova de fogo para a eternidade, mas não fará isso sem o inteiro e firme consentimento delas, e sem que confiem permanentemente nEle.

Em 1879, o Senhor concedeu em visão uma impressionante cena do grande dia da execução de Seu juízo. Um livro estava aberto perante os milhares de anjos que Lhe rodeavam o trono, e o título era: "Livro-Caixa do Céu" (ou "Livro de Registro do Céu"), escrito em letras douradas que pareciam uma chama ardente. Nomes e bons atos estavam ali registrados.

Então foi aberto outro livro. Este continha os pecados dos que professavam crer na verdade:

"Sob o cabeçalho geral de egoísmo, vinha uma legião de pecados. Havia também cabeçalhos sobre cada coluna e, embaixo destes, ao lado de cada nome, achavam-se registrados, em suas respectivas colunas, os pecados menores.

Sob a cobiça vinha a falsidade, o furto, o roubo, a fraude e a avareza; sob a ambição vinha o orgulho e a prodigalidade; o ciúme encabeçava a maldade, a inveja e o ódio; e a intemperança servia de cabeçalho a uma longa lista de terríveis crimes, como a lascívia, o adultério, a condescendência com as paixões sensuais etc. Ao contemplar isso, enchi-me de inexprimível angústia, e exclamei: 'Quem poderá salvar-se? Quem subsistirá justificado diante de Deus? Quem terá os vestidos sem mancha? Quem é impecável aos olhos de um Deus puro e santo?' "[1]

UM ASSUNTO SÉRIO E SOLENE

"À medida que o Santo que estava sobre o trono ia virando lentamente as folhas do livro de registro e Seus olhos pousavam momentaneamente sobre os indivíduos, esse olhar parecia queimar-lhes até o íntimo da alma, e no mesmo instante cada palavra e ação de sua vida passava-lhes diante da mente, clara como se fosse traçada ante seus olhos com letras de fogo. Apoderava-se deles o temor, e os rostos empalideciam. Seu primeiro aspecto quando se achavam diante do trono era de descuidosa indiferença. Mas como se lhes mudara agora esse aspecto! [...]

Uma classe estava registrada como empecilhos do terreno. Ao cair sobre esses o penetrante olhar do Juiz, foram distintamente revelados seus pecados de negligência. [...]

Essa classe dera ao próprio *eu* o supremo lugar, trabalhando apenas pelo interesse egoísta. Não eram ricos para com Deus, não havendo correspondido a Suas reivindicações sobre eles. Conquanto professassem ser servos de Cristo, não Lhe trouxeram almas. [...]

Foram mencionados os nomes de todos quantos professam a verdade. Alguns foram reprovados por sua incredulidade, outros por terem sido servos negligentes. Deixaram que outros fizessem a obra na vinha do Mestre [...] enquanto eles estavam servindo egoistamente seus próprios interesses temporais."[2]

QUAL FOI A REAÇÃO DA SERVA DO SENHOR?

"A cena dissipou-se, e encontrei-me ainda na Terra, inexprimivelmente grata porque o dia de Deus ainda não chegara, e o precioso tempo da graça ainda nos fosse concedido, de modo a nos prepararmos para a eternidade."[3]

E QUANTO A NÓS?

Queridos irmãos, irmãs, amigos: Quão importante é que mantenhamos os olhos fixos no santuário celeste enquanto o caso de cada professo cristão está, individualmente, pendente no tribunal? É certamente um assunto de importância vital! O inimigo das almas está constantemente ocupado em distrair dessa realidade nossos pensamentos. Sejamos, então, sábios e determinados para focar a mente, com inteira atenção, na ministração final de nosso Advogado e Juiz. Durante esta Semana de Oração, que cada um examine o coração, confesse seus pecados e deles se arrependa, e suplique ao Senhor em profunda sinceridade, a fim de que não sejamos pesados na balança e achados em falta!

Referências:

1 *Testemunhos para a igreja*, vol. 4, pp. 384 e 385.

2 Ibidem, pp. 385 e 386.

3 Ibidem, p. 387.

SEXTA-FEIRA, 2 DE DEZEMBRO DE 2011

JESUS, o Filho de Deus:

A divindade de Cristo

Compilado dos escritos de E. G. White

QUEM É JESUS – E O QUE ELE FEZ POR NÓS?

"No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus." (João 1:1 e 2). Cristo, o Verbo, o Unigênito de Deus, era um com o eterno Pai – um em natureza, caráter, propósito – o único ser que poderia penetrar em todos os conselhos e propósitos de Deus. "O Seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus forte, Pai da eternidade, Príncipe da paz." (Isaías 9:6). Suas "saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade" (Miqueias 5:2). [...]

O Pai operou por Seu Filho na criação de todos os seres celestiais. "NEle foram criadas todas as coisas, [...] sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades: tudo foi criado por Ele e para Ele." (Colossenses 1:16). Os anjos são ministros de Deus, radiantes pela luz que sempre flui de Sua presença, e rápidos no voo para executarem Sua vontade. Mas o Filho, o Ungido de Deus, "a expressa imagem de Sua pessoa", o "resplendor da Sua glória", "sustentando todas as coisas pela palavra do Seu poder" (Hebreus 1:3), tem a supremacia sobre todos eles. "Um trono de glória, posto bem alto desde o princípio" (Jeremias 17:12), foi o lugar de Seu santuário; "cetro de equidade" é o cetro de Seu reino (Hebreus 1:8).[1]

Em Hebreus, lemos: "Havendo Deus, antigamente, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos, nestes últimos dias, pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de tudo, por quem fez também o mundo. O qual, sendo o resplendor da Sua glória, e a expressa imagem da Sua pessoa, e susten-

tando todas as coisas pela palavra do Seu poder, havendo feito por Si mesmo a purificação dos nossos pecados, assentou-Se à destra da Majestade, nas alturas" (Hebreus 1:1-3).

Para salvar a humanidade caída, Cristo pôs de lado Seu manto real e Sua coroa majestosa, vestiu Sua divindade com humanidade e veio a esta Terra. Sem deixar o Céu e tomar a natureza de homem, Ele não poderia pagar o resgate por nossa salvação; por isso deixou Sua alta posição de comando nas cortes celestes e assumiu a fraqueza da humanidade, sacrificando tudo em nosso favor. Ele veio a esta Terra e pôs-Se à frente da humanidade, para desenvolver por mim e por você um caráter perfeito pela obediência à lei de Deus. "Foi Ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado" (Hebreus 4:15).

ENQUANTO CRISTO ESTEVE NA TERRA, QUÃO SEVERAS FORAM AS TENTAÇÕES QUE ELE ENFRENTOU?

O Segundo Adão era um Ser moral livre, sendo responsável por Sua conduta. Rodeado por influências intensamente sutis e enganosas, Ele estava muito menos favoravelmente situado do que o primeiro Adão para levar uma vida sem pecado. No entanto, em meio a pecadores, Ele resistiu a toda tentação para pecar, e manteve Sua inocência. Esteve sempre sem pecado.

Não somente Satanás buscou tentar Cristo a render-Se ao apetite, mas apelou-Lhe para a ambição. Não obstante os esforços determinados do inimigo, Cristo não manifestou um espírito ávido por obter a posse dos reinos deste mundo. Não adorou Satanás a fim de ganhar fortuna mundana. Assim Ele deu uma lição de firmeza de princípios. A integridade nunca deveria ser deixada por qualquer vantagem terrena. Poder e riquezas obtidos à custa de princípios provarão ser uma terrível maldição.

As tentações a que Cristo resistiu eram muito mais fortes do que as nossas, já que Sua nobreza e majestade são maiores do que as nossas. Havendo sido tentado tão fortemente em todo ponto, Ele é capaz de socorrer todos a quem Satanás está agora tentando. E hoje é privilégio de homens e mulheres obter a vitória sobre a tentação mediante os méritos do Salvador crucificado e ressurreto, que é familiarizado com toda provação humana.[2]

CONSIDEREM SUAS CREDENCIAIS!

Cristo foi a quem o Pai "constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o Universo". Ele era "o resplendor da glória e a expressão exata do Seu Ser". E sustentava "todas as coisas pela palavra do Seu poder" (Hebreus 1:2 e 3). Possuía excelência e grandeza divinas; e aprouve ao Pai que nEle habitasse toda a plenitude (Colossenses 1:19). Cristo trocou o trono de luz e glória que tinha com o Pai, não contando como coisa a ser desejada o ser igual a Deus enquanto o homem estava perdido em pecado e miséria. Veio do Céu para a Terra, revestiu Sua divindade com humanidade e suportou a maldição como fiança pela humanidade caída. Não foi compelido a fazer isso, mas escolheu levar os resultados da transgressão humana, para que o homem pudesse escapar da morte eterna.[3]

"A vida estava nEle e a vida era a luz dos homens." (João 1:4). Não é a vida física que é aqui especificada, mas a eterna, a vida que é exclusivamente propriedade de Deus. O Verbo, que estava com Deus e era Deus, tinha essa vida. A vida física é algo que cada indivíduo recebeu. Não é eterna ou imortal, pois Deus, o Doador da Vida, a toma novamente. O homem não tem controle sobre sua vida. Mas a vida de Cristo não foi emprestada. Ninguém pode tomar dEle essa vida. "Eu de Mim mesmo a dou", disse Ele (João 10:18). Nele estava a vida, original, não emprestada, não derivada. Essa vida não é inerente ao homem. Este a pode possuir unicamente por meio de Cristo. Não pode merecê-la; é-lhe dada como um dom gratuito se ele crer em Cristo como seu Salvador pessoal. "E a vida eterna é esta: que Te conheçam a Ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste." (João 17:3). Essa é a fonte de vida aberta ao mundo.[4]

DE QUE FORMA ISSO PODE BENEFICIAR-NOS NUM SENTIDO PRÁTICO?

Cristo tomou a natureza humana para que a humanidade pudesse erguer a humanidade agarrando-se ao poder divino. Imensuravelmente inferior é a parte que cabe ao agente humano nessa obra; mas, ligado com a divindade de Cristo, ele pode realizar todas as coisas.[5]

Há uma possiblidade de o crente em Cristo obter uma experiência que será inteiramente suficiente para colocá-lo em boa relação com Deus. Cada promessa que está no Livro de Deus contém para nós encorajamento, mostrando que podemos ser participantes da natureza divina. Esta é a possibilidade – confiar em Deus, crer em Sua Palavra, operar Suas obras; e isso podemos fazer quando nos agarramos à divindade de Cristo. Essa possibilidade vale mais para nós do que todas as riquezas do mundo. Não há nada na Terra que possa comparar-se a ela. Ao agarrarmos o poder assim colocado ao nosso alcance, recebemos uma esperança tão forte que po-

"Vestiremos a armadura da justiça? Iremos nos apegar à divindade de Jesus Cristo, a fim de receber força para vencer?"

demos confiar inteiramente nas promessas divinas; e agarrando-nos às possibilidades que estão em Cristo, tornamo-nos filhos e filhas de Deus.

"Graça e paz vos sejam multiplicadas", diz o apóstolo, "pelo conhecimento de Deus e de Jesus, nosso Senhor. Visto como o Seu divino poder nos deu tudo o que diz respeito à vida e piedade, pelo conhecimento dAquele que nos chamou por Sua glória e virtude" (2 Pedro 1:2 e 3).[6]

Em Sua natureza divina, Jesus foi declarado ser o Filho de Deus; mas a divindade de Cristo era fato constantemente objetado pelos fariseus. O grande argumento que confirmou a divindade de Cristo foi Sua ressurreição dentre os mortos. Irresistível testemunho veio àqueles que criam nEle, pois Ele havia sido visto entre eles, e os que não receberam a grande exibição de evidência que poderia ser apresentada não se teriam convencido por qualquer quantidade de evidências. [...]

A lei condena, mas não pode perdoar o transgressor. A alma contrita e crente não olha para a lei buscando justificação, mas a Cristo, o sacrifício expiatório, que é capaz de comunicar Sua justiça ao pecador e tornar os esforços deste aceitáveis perante Deus. Quando tomamos a Cristo por nosso Salvador, somos habilitados a tornar-nos filhos obedientes, guardando todos os mandamentos de Deus.[7]

Cristo deseja que habitemos nEle, para que possa trabalhar por meio de nós em manter perante o mundo uma representação do infinito amor de Deus tal como Ele mesmo deu. Por intermédio de nossa vida, o desesperado pode receber uma segurança de que é possível ser participante da natureza divina e, agarrando-se a essa divindade, obter a vitória que todos quantos entrarem pelos portões da Cidade deverão obter.

FORÇA DIVINA PARA A VITÓRIA

Parece-nos impossível compreender o grande amor de Cristo por nós. Podemos somente contemplar o maravilhoso sacrifício que Ele fez ao manifestar esse amor. Aquele que era um com o Pai pôs de lado Seu manto real e Sua majestosa coroa, e, ao vir a este mundo, revestiu Sua divindade com humanidade. Houvesse vindo em toda a Sua glória, escoltado por miríades de anjos, ninguém poderia ter suportado a visão. Mas Ele tomou sobre Si a humanidade, para que pudesse aperfeiçoar em Sua própria vida uma humanidade que pode agarrar-se à divindade, e estar a ela unida. A natureza divina deve ser comunicada a todo verdadeiro investigador que segue a Jesus Cristo.

A divindade deve estar unida à humanidade. Assim os humanos podem ser participantes da natureza divina, a fim de que os homens possam escapar da corrupção, que, pela concupiscência, há no mundo (2 Pedro 1:4).

Sem perfeição de caráter, ninguém pode adentrar os portais de pérola da cidade de Deus, pois, se com todas as nossas imperfeições, fosse-nos permitido entrar naquela cidade, logo haveria no Céu uma segunda rebelião. Devemos primeiro ser provados e escolhidos, e achados fiéis e verdadeiros. Sobre a purificação de nosso caráter repousa nossa única esperança de vida eterna.

O tanto que nos falta para a perfeição de caráter é o tanto que nos falta para atingir aquilo que Deus nos providenciou por meio de Jesus Cristo. Se não nos apegarmos à provisão de Sua graça, teremos uma experiência sem valor, governada por nossa própria impetuosa e instável disposição. Não podemos glorificar a Deus por nossos próprios esforços. Devemos tornar-nos participantes da natureza divina, habitando em Deus como os ramos habitam na videira.

Com Deus a me ajudar, estou determinada a ser vencedora. Por meio de Cristo, obterei a vitória. Então essa alegria permanecerá em mim, e minha alegria será completa. Falarei de Sua bondade; falarei de Seu poder. Mediante uma dependência da divindade de Cristo, posso vencer como Ele venceu.[8]

DE QUE MODO A DIVINDADE OPERA NO HOMEM?

Quando Cristo foi crucificado, foi Sua natureza humana que morreu. A divindade não declinou e morreu; isso teria sido impossível. Cristo, o Puro, salvará todo filho e filha de Adão que aceita a salvação a eles oferecida, consentindo em tornarem-se filhos de Deus. O Salvador adquiriu a hu-

manidade caída com Seu próprio sangue.[9]

Entregando Cristo, Deus concedeu todos os recursos do Céu. Suas promessas de auxílio são feitas a toda alma preocupada. Ninguém precisa temer derrota se anda obedientemente e com gratidão perante Ele, com toda humildade. Cristo obteve a vitória sobre o inimigo; e em todo conflito com os poderes das trevas temos Sua garantia: "Toda a autoridade Me foi dada no Céu e na Terra." (Mateus 28:18). O Senhor dos Céus "pôs todas as coisas debaixo dos pés" de Cristo, "e para ser o Cabeça sobre todas as coisas, O deu à igreja, a qual é o Seu corpo, a plenitude dAquele que a tudo enche em todas as coisas" (Efésios 1:22 e 23).[10]

[...] a fim de obter a herança imortal e a natureza eterna, deveis ser vencedores nesta vida probatória. Tudo que macula e mancha a alma precisa ser removido, precisa ser purificado do coração. Temos de saber o que significa ser participante da natureza divina, havendo escapado das corrupções que pela concupiscência há no mundo. Estais dispostos a guerrear contra as concupiscências da carne? Estais prontos a batalhar contra o inimigo de Deus e do homem? Satanás está resolvido a escravizar toda pessoa, se puder fazê-lo, pois realiza um jogo de desesperado para conquistar de Cristo e da vida eterna as almas dos homens. Permitireis que ele vos arrebate as graças do Espírito de Deus e implante em vós sua própria natureza corrupta? Ou aceitareis a grande provisão da salvação, e, mediante os méritos do Sacrifício Infinito feito em vosso favor, tornar-vos-eis participantes da natureza divina? Deus deu Seu Filho unigênito, para que por meio de Sua ignomínia, sofrimento e morte, possais ter glória, honra e imortalidade.[11]

PODER EM SUA PURIFICAÇÃO

Cristo habita naquele que O recebe pela fé. Embora as provas possam sobrevir à alma, a presença de Deus estará conosco. A sarça ardente na qual estava a presença do Senhor não se consumia. O fogo não extinguia uma fibra dos ramos. Assim será com o débil agente humano que põe a confiança em Cristo. A fornalha da tentação pode queimar, podem vir perseguição e provas, mas somente a escória será consumida. O ouro brilhará mais por causa do processo de purificação. Maior é Aquele que está no coração do fiel do que aquele que controla o coração dos descrentes. Não se queixem amargamente da provação que vem sobre vocês, mas dirijam os olhos a Cristo, que revestiu Sua divindade com humanidade a fim de que pudéssemos compreender quão grande é Seu interesse em nós, visto que Se identificou com a humanidade sofredora. Provou o cálice do pesar humano, foi afligido em todas as nossas aflições, foi aperfeiçoado por meio de sofrimento, tentado em todos os pontos assim como a humanidade é tentada, a fim de que pudesse socorrer os que estão em tentação. [...]

Por séculos antes da manifestação de Cristo ao mundo, Deus exerceu paciência para com um mundo rebelde. Viu Sua santa lei esmagada no pó, e deixou Seus juízos caírem sobre a Terra em um dilúvio; mas o homem não aprendeu dessa experiência a lição, e voltou a seus rebeldes caminhos. [...]

Aquele que era igual a Deus, que era grande em conselho, magnífico em obras (Jeremias 32:19), estava à altura de resolver a emergência que havia chegado ao governo de Deus. Deus enviou Seu Filho ao mundo, não para proferir sentença de condenação sobre uma raça rebelde, mas para tornar manifesto Seu amor, e para apresentar a esperança de vida eterna aos que creriam em Seu Filho.

Aí estão o amor e a maravilhosa graça que triunfaram sobre a justiça. A retribuição caiu não menos do que sobre o Filho do Deus Infinito, e o universo celeste regozijou-se na glória da benevolência e da abnegação divinas ao dar o Príncipe do Céu a nosso mundo. Tal amor estava além da compreensão dos anjos celestiais. Cristo veio ao mundo para buscar Sua pérola perdida, e teve de passar pelos portões da morte para recuperar Sua joia que se havia perdido. Pois "como Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do Homem seja levantado, para que todo aquele que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna." (João 3:14 e 15). Todos os que olham para Ele em fé serão curados de suas enfermidades espirituais. Ele é o Bálsamo de Gileade, Ele é o grande Médico. Cristo foi Aquele que consentiu em cumprir as condições necessárias para a salvação do homem. Nenhum anjo, nenhum homem era suficiente para a grande obra a ser realizada. Unicamente o Filho do homem deveria ser levantado, pois só uma natureza infinita poderia empreender o processo da redenção. Cristo consentiu em ligar-Se aos desleais e pecadores, em participar da natureza do homem, em dar Seu próprio sangue, e em fazer de Sua alma uma oferta pelo pecado. Nos conselhos do Céu, a culpa do homem foi medida, a ira pelo pecado foi estimada, e, todavia, Cristo anunciou Sua decisão de tomar sobre Si a responsabilidade de cumprir as condições pelas quais a esperança deveria ser estendida à família caída. Ele compreendeu as possibilidades da alma humana, e uniu a humanidade a Si mesmo, como a videira funde os ramos e brotos

enxertados ao seu ser, até que, veio por veio, e fibra por fibra, os ramos estivessem unidos à Videira viva.

O Mercador vendeu tudo para comprar a pérola da humanidade perdida. O pecador também deve pôr de lado seu tudo a fim de tornar-se um participante da natureza divina, havendo escapado da corrupção, que, pela concupiscência, há no mundo. [...]

Jesus põe o homem em sociedade com Ele, e a união e o amor entre Cristo e Seu Pai apresenta ao mundo as credenciais da divindade de Cristo. Transformado no caráter, o crente apresenta o fato de que apenas Cristo pode reformar, purificar e enobrecer a alma. O amor que Deus manifestou para com os homens não tem paralelo. Diz Jesus: "Por isso, o Pai Me ama, porque dou a Minha vida" pelas ovelhas (João 10:17). Nessa expressão, queria provar aos homens que o amor do Pai para com eles é tão grande, tão imenso, que Ele até ama o Filho pelo sacrifício que Este fez para salvar a humanidade. O próprio Deus sofreu com o sofrimento de Seu Filho. Enquanto Jesus andava na Terra, nos trajes da humanidade, podia dizer: "Eu e o Pai somos um." (João 10:30). Havendo empreendido a obra da redenção, o Senhor não poupa nada, embora custoso, que seja essencial à conclusão de Seu desígnio. Não recusa nem mesmo o Céu, mas continua a cercar o homem com favores, amontoando dom sobre dom, até que o próprio mundo esteja inundado com Sua misericórdia e amor imensos. Jesus diz: "Tenho-vos dito isso para que a Minha alegria permaneça em vós, e a vossa alegria seja completa." (João 15:11).[12]

NOSSO PRIVILÉGIO E RESPONSABILIDADE

Veio Ele [o Filho de Deus] à Terra para unir Seu poder divino aos esforços humanos, para que, mediante a força e o poder moral por Ele comunicados, pudéssemos nós vencer, em nosso próprio favor.[13]

Nada havia nEle [em Jesus] que correspondesse aos sofismas de Satanás. Ele não consentia com o pecado. Nem por um pensamento cedia à tentação. O mesmo se pode dar conosco. A humanidade de Cristo estava unida à divindade; estava habilitado para o conflito, mediante a presença interior do Espírito Santo. E veio para nos tornar participantes da natureza divina. Enquanto a Ele estivermos ligados pela fé, o pecado não mais terá domínio sobre nós. Deus nos toma a mão da fé, e a leva a apoderar-se firmemente da divindade de Cristo, a fim de atingirmos a perfeição de caráter.[14]

A divindade de Cristo deve ser firmemente defendida. Quando o Salvador perguntou aos discípulos "Quem dizeis que Eu sou?", Pedro respondeu: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo." Disse Cristo: "Sobre esta pedra" – não sobre Pedro, mas o Filho de Deus – "edificarei a Minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela" (Mateus 16:15, 16 e 18). [...]

Cristo deve ser pregado, não de maneira controversa, mas afirmativa. Tomem sua posição sem controvérsias. Não deixem que suas palavras sejam, em momento algum, incertas. A Palavra do Deus vivo deve ser o fundamento de sua fé. Reúnam as afirmações mais positivas com relação à expiação feita por Cristo pelos pecados do mundo. Mostrem a necessidade dessa expiação e contem a homens e mulheres que eles podem ser salvos se arrependerem-se e retornarem à lealdade à lei de Deus. Reúnam todas as afirmações e provas que fazem do evangelho as alegres boas-novas da salvação a todos que o recebem e creem em Cristo como Salvador pessoal.[15]

A divindade de Cristo é a certeza de vida eterna para o crente.[16]

"Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a sua vida pelos seus amigos. Vós sereis Meus amigos, se fizerdes o que Eu vos mando. Já vos não chamarei servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor, mas tenho-vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de Meu Pai vos tenho feito conhecer." (João 15:13-15).

Aqui é trazida à visão nossa obra. Há algo que devemos tornar conhecido ao mundo. Se Jesus Cristo é revelado em nós, o mundo verá que a humanidade pode apegar-se à divindade. Não haverá desculpas para nós se falharmos em vencer como Deus requer. As questões que devemos decidir agora são: Vestiremos a armadura da justiça? Iremos nos apegar à divindade de Jesus Cristo, a fim de receber força para vencer?[17]

Referências:

1 *Patriarcas e profetas*, p. 34.

2 *The Atlantic Union Gleaner*, 26 de agosto de 1903.

3 *The Bible Echo*, 15 de julho de 1893.

4 *The SDA Bible Commentary* [E. G. White Comments], vol. 5, p. 1130.

5 *The Review and Herald*, 6 de agosto de 1901.

6 Ibidem, 14 de janeiro de 1909.

7 *The Signs of the Times*, 5 de agosto de 1889.

8 *Sermons and Talks*, p. 294.

9 *Manuscript Releases*, vol. 21, p. 418.

10 *The Atlantic Union Gleaner*, 26 de agosto de 1903.

11 *Este dia com Deus*, p. 173.

12 *The Signs of the Times*, 5 de março de 1896.

13 *Nos lugares celestiais*, p. 194.

14 *O Desejado de Todas as Nações*, p. 123.

15 *The Review and Herald*, 2 de março de 1905.

16 *O Desejado de Todas as Nações*, p. 530.

17 *Sermons and Talks*, pp. 294 e 295.

SÁBADO, 3 DE DEZEMBRO DE 2011

JESUS, o Filho do Homem:

A humanidade de Cristo

Uma compilação da Bíblia e do Espírito de Profecia, com comentários de

M. Stroia

O Espírito de Profecia enfatiza a enorme importância da encarnação de Cristo em favor da humanidade, bem como o reverente espírito com o qual nós, mortais, devemos abordar esse sagrado assunto que somos encorajados a estudar:

"**A humanidade do Filho de Deus é tudo para nós. É a corrente de ouro que liga nossa alma a Cristo, e por meio de Cristo, a Deus. Isso deve constituir nosso estudo.** Cristo foi um homem real; deu prova de Sua humildade tornando-Se homem. Entretanto, era Ele Deus em carne. Quando abordamos este assunto, bem faremos em levar a sério as palavras dirigidas por Cristo a Moisés, junto à sarça ardente: 'Tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é terra santa.' (Êxodo 3:5). **Devemos aproximar-nos deste estudo com a humildade de um discípulo, de coração contrito. E o estudo da encarnação de Cristo é campo frutífero, que recompensará o pesquisador que cave fundo em busca de verdades ocultas."**[1]

A única maneira pela qual podemos entender a razão de nossa existência é olhando ao passado, à origem dela, onde encontramos Cristo – o eterno Verbo de Deus:

"**No princípio, era o Verbo**, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele nada do que foi feito se fez. [...] **E o Verbo Se fez carne e habitou entre nós**, e vimos a Sua glória, como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade." (João 1:1-3 e 14, ênfase acrescentada).

O SUPREMO CRIADOR E SUA PREEXISTÊNCIA COMO O PRÍNCIPE DO CÉU

Nesses versos, o relato bíblico remete-nos a Jesus Cristo como o supremo Criador de todas as coisas, Aquele que Se encontra na origem de toda a criação que Ele chamou à existência e à qual Ele também estabeleceu um propósito. Ele não é somente o princípio de todas as coisas, mas abrange a criação do começo ao fim de sua história, e por essa razão o apóstolo João o menciona como "o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim, o Primeiro e o Derradeiro" (Apocalipse 22:13).

"Foi Cristo que estendeu os céus, e lançou os fundamentos da Terra. Foi Sua mão que suspendeu os mundos no espaço e deu forma às flores do campo. Ele 'pela Sua força consolida os montes' (Salmos 65:6)."[2]

Ao ponderar a infinidade do Universo, com seus incontáveis sistemas, galáxias e mundos, em meio aos quais nosso planeta azul é um mero ponto minúsculo, podemos ter uma ideia muito pálida da grandeza e da magnificência dAquele que criou todas essas coisas.

"O mundo foi feito por Ele, 'e sem Ele nada do que foi feito se fez' (João 1:3). Se Cristo fez todas as coisas, existiu Ele antes de todas as coisas. As palavras faladas com respeito a isso são tão claras que ninguém precisa deixar-se ficar em dúvida. Cristo era, essencialmente e no mais alto sentido, Deus. Estava Ele com Deus desde toda a eternidade, Deus sobre todos, bendito para todo o sempre.

O Senhor Jesus Cristo, o divino Filho de Deus, existiu desde a eternidade, como pessoa distinta, mas um com o Pai. Era Ele a excelente glória do Céu. Era o Comandante dos seres celestes, e a homenagem e adoração dos anjos era por Ele recebida como de direito."[3]

"A vida de Cristo antes de Sua encarnação não se calcula por algarismos. [...]

Ele era igual a Deus, infinito e onipotente."[4]

"Em si mesmo, o ato de consentir em ser um homem não seria um ato de humilhação, não fosse a exaltada preexistência de Cristo e a condição decaída do homem. Mas quando abrimos nossa compreensão para perceber que, tomando sobre Si a humanidade, Cristo deixou de lado Seu manto real, Sua majestosa coroa, Sua alta posição de comando e revestiu Sua divindade com humanidade, a fim de que pudesse encontrar o homem onde este estava, e trazer à família humana força moral para tornarem-se filhos e filhas de Deus, começamos a entender a magnitude da encarnação de Jesus."[5]

Todavia, esse maravilhoso Ser celestial de surpreendente grandeza e glória "Se fez carne e habitou entre nós, [...] cheio de graça e de verdade" (João 1:14).

Especular a respeito dos detalhes técnicos de como esse processo aconteceu seria presunção de nossa parte, visto que a completa natureza de Deus está acima de nossa compreensão humana, e a encarnação de Cristo é um mistério que nenhuma mente humana jamais poderá compreender inteiramente.

A ENCARNAÇÃO: UM MISTÉRIO COM UM ALVO E UM PROPÓSITO DEFINIDOS

"Evitem toda questão em relação à humanidade de Cristo sujeita a ser mal interpretada. A verdade jaz próxima ao caminho da presunção. Ao discutir sobre a humanidade de Cristo, vocês necessitam observar ativamente toda afirmação, a fim de que suas palavras não sejam entendidas como significando mais do que significam, e dessa maneira vocês percam ou obscureçam as claras percepções de Sua humanidade quando combinadas à divindade. O nascimento de Jesus foi um milagre de Deus. [...] **Nunca, de modo algum, deixem a mais leve impressão sobre mentes humanas de que uma mancha de corrupção, ou uma inclinação a esta, repousava sobre Cristo, ou de que Ele de alguma forma cedeu à corrupção.** Ele foi tentado em todos os pontos como o homem é tentado, mas é chamado 'o Santo' (Lucas 1:35). É um mistério deixado sem explicação aos mortais que Cristo pudesse ser tentado em todos os pontos como nós somos, e ainda estivesse sem pecado. A encarnação de Cristo tem sempre sido, e permanecerá sempre, um mistério. O que foi revelado é para nós e nossos filhos, mas **que cada ser humano seja advertido quanto a fazer um fundamento no qual Cristo seja inteiramente humano, tal como um de nós, pois isso não pode ser.**"[6]

"A encarnação de Cristo é o mistério de todos os mistérios."[7]

"Não há ninguém que possa explicar o mistério da encarnação de Cristo."[8]

Contudo, somos livres para considerar o motivo pelo qual o Príncipe do Céu escolheu tornar-Se um homem, aceitando assim a infinita humilhação de tomar sobre Si a natureza humana.

Ao afirmar o propósito de Sua vinda, o Senhor deixou claro que foi nada menos do que pela salvação da humanidade, como Ele declarou: "Eu não vim para julgar o mundo, e sim **para salvá-lo"** (João 12:47), pois o mundo havia-se perdido do aprisco divino mediante o pecado. "Porque **o Filho do homem veio salvar o que se tinha perdido.**" (Mateus 18:11).

"Nunca, de modo algum, deixem a mais leve impressão sobre mentes humanas de que uma mancha de corrupção, ou uma inclinação a esta, repousava sobre Cristo, ou de que Ele de alguma forma cedeu à corrupção."

Em inteiro acordo com Deus Pai, nosso Salvador deixou o celeste reino de bem-aventurança e glória, onde era adorado pelas hostes angélicas, e desceu a este mundo sombrio e pecaminoso. Aqui ele aceitou ser desprezado, zombado, cuspido, furiosamente torturado e finalmente assassinado por este único propósito: dar a todos a chance de salvação e salvar aquilo que poderia ser salvo deste mundo. "Porque Deus enviou o Seu Filho ao mundo não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por Ele." (João 3:17).

A importância desse maravilhoso plano para cada ser humano que já viveu neste mundo – incluindo nós mesmos – é muito apropriadamente expresso pelo apóstolo Paulo: "Esta é uma palavra fiel e digna de toda aceitação: que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal." (1 Timóteo 1:15).

O grande motivo por trás desse propósito pode ser abrangido por uma palavra, pequena o suficiente para ser proferida em duas pequenas sílabas, mas ao mesmo tempo vasta o suficiente para definir o Deus infinito – AMOR: "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo aquele que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna." (João 3:16).

"A fim de [Cristo] poder realizar Seu desígnio de amor em benefício da humanidade caída, Ele Se tornou osso de nosso osso e carne de nossa carne."[9]

A grandeza e força desse inigualável amor foram reveladas pelo sacrifício que Cristo aceitou fazer a fim de redimir a humanidade. Sua morte expiatória no Calvário não foi o único sacrifício que Ele fez, mas apenas a coroação de uma vida inteira de amor motivada por sacrifício e abnegação.

"Mas Cristo, 'sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, mas aniquilou-Se a Si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-Se semelhante aos homens' (Filipenses 2:6 e 7).

Foi um sacrifício voluntário. Jesus poderia haver permanecido ao lado de Seu Pai. Poderia haver retido a glória do Céu, e as homenagens dos anjos. Mas preferiu entregar o cetro nas mãos de Seu Pai e descer do trono do Universo, a fim de trazer luz aos entenebrecidos, e vida aos que estavam prestes a perecer."[10]

A MARAVILHOSA CONDESCENDÊNCIA DE CRISTO

A própria condescendência de Cristo em deixar para trás Sua posição nas cortes celestes e descer a este desolado e sombrio planeta de pecado vai muito além de nossa capacidade de compreensão e deixa-nos maravilhados e incapazes de dizer outra coisa senão "Que amor!"

"Quanto mais pensamos sobre o ato de Cristo tornar-Se um bebê aqui na Terra, tanto mais admirável isso parece ser. Como pode suceder que a indefesa criancinha na manjedoura de Belém ainda é o divino Filho de Deus? **Conquanto não possamos compreendê-lo, podemos crer que Aquele que criou os mundos tornou-Se um indefeso bebê por nossa causa. Embora fosse mais elevado do que qualquer dos anjos, embora fosse tão grande quanto o Pai sobre o trono do Céu, Ele tornou-Se um conosco. NEle Deus e o homem passaram a ser um, e é neste fato que encontramos a esperança de nossa espécie decaída.** Olhando para Cristo na carne, olhamos para Deus na humanidade, e vemos nEle o resplendor da glória divina, a expressa imagem de Deus, o Pai."[11]

"Contemplando a encarnação de Cristo em humanidade, ficamos aturdidos perante um mistério impenetrável, que a mente humana não pode compreender. Quanto mais refletimos acerca dele, mais surpreendente ele aparenta ser. Quão amplo é o contraste entre a divindade de Cristo e o indefeso bebê da manjedoura em Belém! Como podemos medir a distância entre o poderoso Deus e uma indefesa criança? No entanto, o Criador dos mundos, Aquele em quem habitava corporalmente toda a plenitude da divindade (Colossenses 2:9), manifestou-Se no indefeso bebê na manjedoura. Muito mais exaltado do que qualquer dos anjos, igual ao Pai em dignidade e glória, mas vestindo o traje de humanidade! **A divindade e a humanidade estavam misteriosamente combinadas, e o homem e Deus tornaram-se um. É nessa união que encontramos a esperança de nossa raça caída."**[12]

"Teria sido uma quase infinita humilhação para o Filho de Deus revestir-Se da natureza humana, mesmo quando Adão permanecia em seu estado de inocência, no Éden. Mas Jesus aceitou a humanidade quando a espécie humana havia sido enfraquecida por quatro mil

anos de pecado. Como qualquer filho de Adão, aceitou os resultados da operação da grande lei da hereditariedade. O que estes resultados foram, manifesta-se na história de Seus ancestrais terrestres. Veio com essa hereditariedade para partilhar de nossas dores e tentações, e dar-nos o exemplo de uma vida impecável. [...] Nosso Salvador Se revestiu da humanidade com todas as contingências da mesma."[13]

Tomando sobre Si a humanidade, o Príncipe do Céu ficou com uma natureza muito mais inferior do que a de um anjo. Criado a partir do pó, o homem foi feito inferior; e, como se isso não fosse suficiente, Jesus não tomou a natureza de Adão antes da queda, mas aquela que havia sido exposta por muitos séculos aos enfraquecedores efeitos da hereditariedade.

"Que visão foi essa para o Céu! Cristo, que não possuía a menor mancha moral ou profanação pelo pecado, tomou nossa natureza em sua condição deteriorada."[14]

Além disso, mesmo como homem, Jesus não nasceu no palácio de um rico, mas na família de um humilde carpinteiro, sem fortuna ou fama: "Porque foi subindo como renovo perante Ele e como raiz de uma terra seca; não tinha parecer nem formosura; e, olhando nós para Ele, nenhuma beleza víamos, para que O desejássemos." (Isaías 53:2).

Ele escolheu fazer assim porque não queria atrair homens e mulheres por meio de Sua aparência exterior, poder ou riqueza, mas, em vez disso, por meio da beleza de Seu caráter e da pureza dos princípios aos quais Ele seguia:

"Cristo devia vir no 'corpo abatido', 'semelhante aos homens' (Filipenses 3:21; 2:7). Aos olhos do mundo, não possuía beleza para que O desejassem; e não obstante era o encarnado Deus, a luz do Céu e da Terra."[15]

"O Homem-modelo, que não teve por usurpação ser igual a Deus, tomou sobre Si nossa natureza, e viveu quase trinta anos numa obscura cidade da Galileia, escondida lá entre as colinas. Toda a hoste angélica achava-se ao Seu dispor, e todavia Ele não pretendia ser alguma coisa grande ou exaltada. Não adicionava um 'Professor' ao Seu nome para agradar a Si mesmo. Era carpinteiro, trabalhando por salário, servo daqueles para quem trabalhava, mostrando que o Céu pode estar bem perto de nós nas posições comuns da vida, e que anjos das cortes celestes cuidarão dos passos daqueles que vêm e vão às ordens de Deus."[16]

"Não podemos compreender como Cristo Se tornou um pequeno e indefeso bebê. Ele poderia ter vindo à Terra com tal beleza que teria sido diferente dos filhos dos homens. Sua face poderia ter sido resplandecente de luz, e Sua forma poderia ter sido alta e bela. Poderia ter vindo de tal maneira que encantasse os que olhassem para Ele; esta não era, porém, a maneira planejada por Deus para que Ele viesse entre os filhos dos homens.

Ele devia ser semelhante aos que pertenciam à família humana e à raça judaica. Suas feições deviam ser como as dos outros seres humanos, e não devia ter tal beleza pessoal que o povo O assinalasse como diferente dos outros. Devia vir como alguém da família humana e colocar-Se como homem perante o Céu e a Terra."[17]

"Jesus escolheu tomar a posição de humildade, e não a pompa dos que tinham poder, riqueza e influência. Não intentava que exibição exterior atraísse a Ele os homens; o poder da verdade celestial deveria ser a força atrativa. Sem pecado e exaltado por natureza, Ele consentiu em tomar os trajes da humanidade para tomar-Se um com a familia decaída."[18]

O FILHO DO HOMEM: A PONTE CONECTORA ENTRE O CÉU E A TERRA

Durante Sua vida na Terra, Jesus fez referência a Si mesmo como "o Filho do homem", reiterando assim Sua inabalável dedicação à espécie humana e Sua missão de religar a humanidade a Deus. Contudo, essa dedicação não era apenas declarativa, mas uma realidade inegável em Sua vida e experiência na Terra:

"Cristo não fingiu assumir a natureza humana; Ele de fato a

tomou sobre Si. Em realidade possuiu a natureza humana."[19]

"Cristo tornou-Se um com a família humana. Ele falou na linguagem dos homens. Suportou com eles as provas e pobreza. Comeu com eles à mesa deles, e participou de seus trabalhos pesados. Desse modo, **Ele lhes deu a certeza de Sua completa identificação com a humanidade.**"[20]

Era só dessa forma que o plano da salvação poderia se cumprir, e a humanidade ser elevada de seu estado sem esperança: "Deus não poderia tornar o homem um participante da natureza divina até que Seu Filho unigênito, Um igual a Ele mesmo, cedesse à natureza humana, e alcançasse o homem onde este estava."[21]

"O Senhor Jesus pôs uma ponte sobre o abismo causado pelo pecado. Ele ligou a Terra com o Céu, e o homem finito com o Deus infinito."[22]

Como um homem, Cristo aceitou voluntariamente dar Sua vida como resgate pelo pecado da humanidade. Ele não era uma vítima das circunstâncias, nem das conspirações de homens maus. Não foram os pregos em Suas mãos e pés que O mantiveram pendurado na cruz, mas Seu amor pela família caída que Ele veio redimir O fez suportar até o fim aquela morte dolorosa na cruz de ignomínia.

"[Cristo] poderia Se haver separado dos seres caídos. Poderia havê-los tratado como pecadores merecem ser tratados. Mas, em vez disso, Ele aproximou-Se deles ainda mais."[23]

"[...] em Cristo, porém, chegamos a ficar em mais íntima união com Ele do que se nunca houvéssemos pecado. Ao tomar a nossa natureza, o Salvador ligou-Se à humanidade por um laço que jamais se partirá. Ele estará ligado a nós por toda a eternidade. [...]

Deus adotou a natureza humana na pessoa de Seu Filho, levando a mesma ao mais alto Céu. [...] Cristo glorificado é nosso Irmão. O Céu Se acha abrigado na humanidade, e esta, envolvida no seio do Infinito Amor."[24]

A IMPORTÂNCIA DE CRISTO TORNAR-SE O FILHO DO HOMEM POR NÓS

Embora tenhamos perdido nosso valor dado por Deus e nos tornado sujeitos à morte pelo pecado, Cristo veio para restaurar-nos à dignidade de filhos e filhas de Deus e para restaurar o caráter de nosso Pai celeste em nós. Esse é o propósito da vida humana, e não poderia ter sido alcançado sem que nosso Salvador Se tornasse o Filho do homem.

A humanidade do Filho de Deus deve ser tudo para nós, e o fato de haver Deus dado Seu Filho unigênito – o Príncipe do Céu – para nascer como um bebê neste mundo, viver e morrer por nós, e ressurgir e permanecer para sempre como o "Filho do homem" é a prova viva de Seu inabalável amor por nós.

Não pode haver para nós maior razão de alívio, alegria, gratidão e amor do que a certeza de que Deus não reteve nada que pudesse haver contribuído para nossa salvação:

"Quando Deus deu Seu Filho, deu o Céu inteiro. Não podia dar mais."[25]

Que pensamento encorajador! Deus já fez o sacrifício supremo! Jesus Cristo é nosso para sempre! Deus já está do nosso lado, pronto a dar-nos, juntamente com Cristo, todas as coisas necessárias para nossa felicidade eterna. O que mais precisamos para sermos felizes e cheios de gratidão e confiança para o resto de nossa vida?

"Mas Deus prova o Seu amor para conosco em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores. Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo Seu sangue, seremos por Ele salvos da ira. Porque, se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de Seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela Sua vida. E não somente isto, mas também nos gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, pelo qual agora alcançamos a reconciliação." Romanos 5:8-11.

Seja Ele sempre louvado por isso!

Referências:

1 *Mensagens escolhidas*, vol. 1, p. 244. [Ênfase acrescentada.]

2 *O Desejado de Todas as Nações*, p. 20.

3 *Mensagens escolhidas*, vol. 1, pp. 247 e 248.

4 *A fé pela qual eu vivo*, p. 46.

5 *Manuscript Releases*, vol. 17, p. 25.

6 *The SDA Bible Commentary* [E. G. White Comments], vol. 5, pp. 1128 e 1129 [Ênfase acrescentada.]

7 *Nos lugares celestiais*, p. 41.

8 *Exaltai-O*, p. 236.

9 *A fé pela qual eu vivo*, p. 48.

10 *O Desejado de Todas as Nações*, pp. 22 e 23 [Ênfase acrescentada.]

11 *Mensagens escolhidas*, vol. 3, p. 128). [Ênfase acrescentada.]

12 *The Signs of the Times*, 30 de julho de 1896. [Ênfase acrescentada.]

13 *A fé pela qual eu vivo*, p. 48. [Ênfase acrescentada.]

14 *Manuscript Releases*, vol. 17, p. 25.

15 *O Desejado de Todas as Nações*, p. 23.

16 *Mensagens escolhidas*, vol. 2, p. 164.

17 *Exaltai-O*, p. 76.

18 *The Signs of the Times*, 25 de abril de 1892.

19 *Mensagens escolhidas*, vol. 1, p. 247 [Ênfase acrescentada.]

20 *Manuscript Releases*, vol. 17, p. 27 [Ênfase acrescentada.]

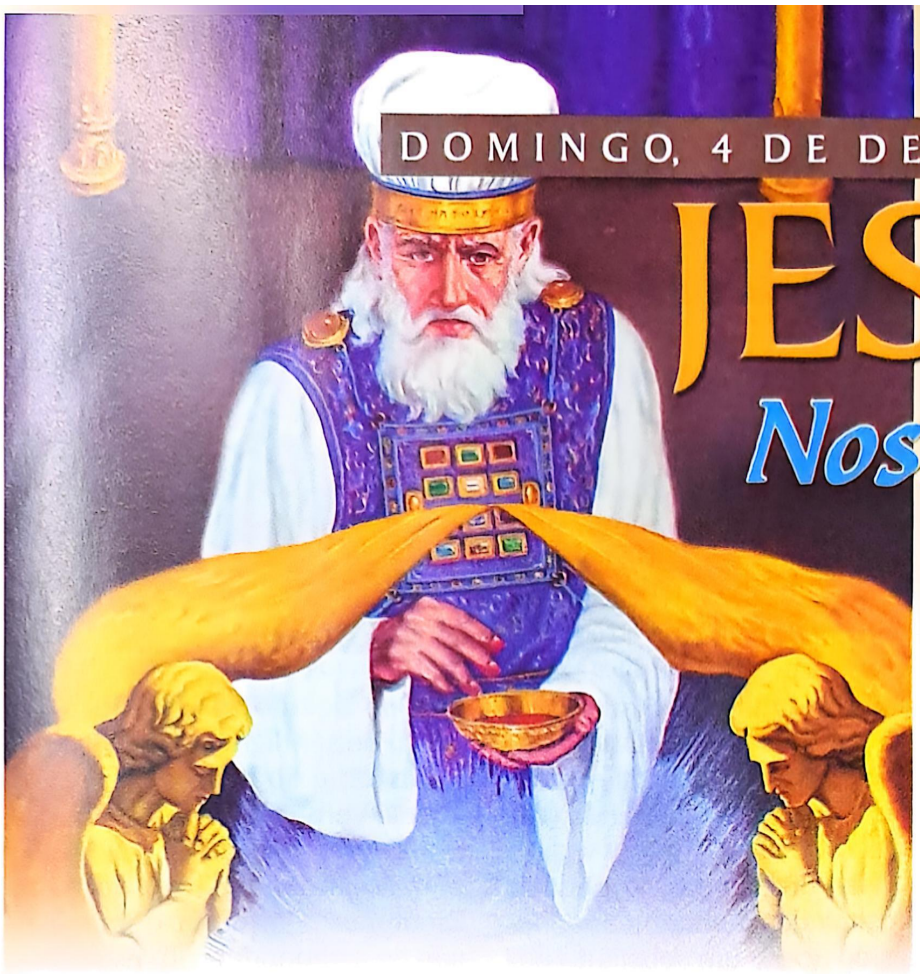
21 Ibidem.

22 *Nossa alta vocação*, p. 46. [Ênfase acrescentada.]

23 *Manuscript Releases*, vol. 17, p. 27. [Ênfase acrescentada.]

24 *O Desejado de Todas as Nações*, pp. 25 e 26 [Ênfase acrescentada.]

25 *Temperança*, p. 287.



DOMINGO, 4 DE DEZEMBRO DE 2011

JESUS, Nosso Sumo Sacerdote

Por Viktor Pisanyuk

INTRODUÇÃO

Era outono de 1844. Um pequeno grupo de pessoas desejava sinceramente receber a certeza de que o Senhor não os havia abandonado. Leram e releram a Palavra inspirada; sua atenção foi dirigida à profecia de Daniel 8:14: "Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado", e à profecia de Habacuque 2:3: "Porque a visão ainda está para cumprir-se no tempo determinado, mas se apressa para o fim e não falhará; se tardar, espera-o, porque, certamente, virá, não tardará." A mensagem que havia enchido o mundo inteiro estava agora sendo causticamente zombada pela multidão. Dos mais de 50.000 que haviam aguardado o glorioso acontecimento, quase nenhum restara. Todos haviam estado aguardando a vinda do Salvador nas nuvens do Céu – Cristo, o Messias, que devia executar o juízo. Mas Cristo não veio. Assim se cumpriu uma profecia que previu que os que aguardavam experimentariam o **amargor** do desapontamento (ver Apocalipse 10:9). O que aconteceu em seguida? O Senhor dirigiu a atenção de Seus filhos à epístola de Hebreus, e mediante as sinceras orações e consultas dos filhos de Deus, a verdade do santuário celeste e do serviço ali realizado foi-lhes revelada por inteiro. Essa preciosa verdade tornou-se o fundamento da fé adventista.

A MENSAGEM DE VIDA

Desde a entrada do pecado em nosso planeta, embora tenha proferido uma sentença sobre a humanidade, Deus ainda concedeu a esperança da redenção (ver Gênesis 3:15). Em todas as eras, os filhos fiéis de Deus deviam aguardar o auge do glorioso plano da salvação. Pela fé, sangue foi derramado como primeiro sacrifício. A vida do animal inocente apontando à redenção por meio do Cordeiro de Deus foi oferecida pela primeira vez. Por todos os séculos dos patriarcas, todos os filhos de Deus estiveram olhando ao Calvário como sua única esperança: a morte do Filho de Deus era uma garantia de salvação para os que O recebessem.

O SACERDOTE

Um serviço expiatório especial devia ser realizado em toda família. A missão era confiada ao cabeça do lar:

"Nos tempos primitivos, o pai era o governador e sacerdote de sua família, e exercia autoridade sobre os filhos, mesmo depois que estes tinham suas próprias famílias. Os descendentes eram ensinados a considerá-lo como seu chefe, tanto em assuntos reli-

"O Cordeiro havia tirado o pecado do mundo. Mas Seu sangue tinha de ser levado para dentro do santuário celestial para ser apresentado perante a lei moral dos dez mandamentos."

giosos como seculares."[1] Mais tarde, quando Deus desejava apresentar o evangelho por meio do ministro no tabernáculo terrestre, Ele deu a Moisés, líder visível de Seu povo, uma instrução de que da única tribo que havia permanecido fiel num momento crucial de crise espiritual – os levitas – deveriam vir os sacerdotes do tabernáculo terrestre. Isso era uma revelação do evangelho em símbolos e tipos. "Todo o sistema de tipos e símbolos era uma compacta profecia do evangelho, uma representação em que se continham as promessas de redenção."[2]

O SERVIÇO NO TABERNÁCULO

Todos os dias, o serviço era oficiado. Havia ofertas da manhã e da tarde, ofertas pacíficas, e assim por diante. Mas havia uma provisão especial para o arrependimento do pecador, mediante o trazer a oferta pelo pecado. Reconhecendo sua culpa, o pecador tinha de levar o animal, confessar o pecado, colocar a mão sobre a cabeça da vítima e matar o animal com suas próprias mãos. Assim era este privado de sua vida. Então o sacerdote transferia o sangue da vítima para o tabernáculo e o aspergia diante do véu, atrás do qual estava a lei. Oferecendo à lei o sacrifício que era igual à lei, o pecador poderia contar com a vida. Para expiação pelo pecado, era sacrificada uma vida que satisfazia a lei divina infringida (ver Levítico 4:1-7).

"Nas ofertas para o pecado apresentadas durante o ano, havia sido aceito um substituto em lugar do pecador. Mas o sangue da vítima não fizera completa expiação pelo pecado; apenas provera o meio pelo qual este fora transferido para o santuário."[3]

OS SACERDOTES NA PRESENÇA DE DEUS

Conquanto os sacerdotes fossem separados da congregação por unção e postos em ofício sagrado, isso não os tornava sem pecado; então, tinham de levar ofertas também por si mesmos. "Porque todo sumo sacerdote, tomado dentre os homens, é constituído a favor dos homens nas coisas concernentes a Deus, para que ofereça dons e sacrifícios pelos pecados, e possa compadecer-se ternamente dos ignorantes e errados, pois também ele mesmo está rodeado de fraqueza. E, por esta causa, deve ele, tanto pelo povo como também por si mesmo, fazer oferta pelos pecados." (Hebreus 5:1-3). Mas nem todo levita podia tornar-se um sacerdote. Havia requisitos especiais para os sacerdotes, já que eles tinham de ser dignos representantes da obra do futuro Sacerdote, aquele Verdadeiro e Fiel Sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque. Lemos nos registros das Escrituras: "([...] Jurou o Senhor e não Se arrependerá: Tu és sacerdote eternamente, segundo a ordem de Melquisedeque.); de tanto melhor concerto Jesus foi feito fiador. E, na verdade, aqueles foram feitos sacerdotes em grande número, porque, pela morte, foram impedidos de permanecer; mas Este, porque permanece eternamente, tem um sacerdócio perpétuo. Portanto, pode também salvar perfeitamente os que por Ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles. Porque nos convinha tal Sumo Sacerdote, santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores e feito mais sublime do que os Céus, que não necessitasse, como os sumos sacerdotes, de oferecer cada dia sacrifícios, primeiramente, por seus próprios pecados e, depois, pelos do povo; porque isso fez Ele, uma vez, oferecendo-Se a Si mesmo." (Hebreus 7:21-27).

"A este [Arão] e seus filhos, somente, permitia-se ministrar perante o Senhor; o resto da tribo estava encarregado do cuidado do tabernáculo e de seu aparelhamento, e deveria auxiliar os sacer-

dotes em seu ministério, mas não deveria sacrificar, queimar incenso ou ver as coisas sagradas antes que estivessem cobertas."[4]

Toda vez que o sacerdote vinha para começar as tarefas no santuário, ele tinha de lavar as mãos e os pés. Isso revelava a solene importância de todo serviço:

"A bacia estava colocada entre o altar e a congregação, para que os sacerdotes, antes de irem à presença de Deus, à vista da congregação, pudessem lavar as mãos e os pés. Que impressão deveria isso exercer sobre o povo? Devia mostrar-lhes que cada partícula de poeira precisava ser eliminada antes de poderem ir à presença de Deus, pois Ele era tão excelso e santo que, a menos que atendessem a essas condições, a morte seria o resultado seguro."[5]

O SUMO SACERDOTE

O serviço diário era realizado no pátio e no primeiro compartimento do santuário, mas uma vez por ano um serviço era realizado no santo dos santos. Esse era um dia especial, antes do qual era feita uma solene preparação, e unicamente o sumo sacerdote tinha o direito de ir à presença do Invisível para realizar um serviço exclusivo. Tinha de purificar o santuário dos pecados confessados que haviam sido transferidos simbolicamente, com o sangue da aspersão, ao véu que separava a arca. Então esses pecados eram levados embora pelo bode emissário a uma terra não habitada. O sacerdote pronunciava uma bênção para o ano seguinte sobre o povo de Israel. Seguia-se a alegre festa dos tabernáculos, e todo o povo regozijava-se por ter recebido redenção e bênçãos para a vida futura.

AS VESTIMENTAS DO SUMO SACERDOTE

"As vestes do sumo sacerdote eram de custoso material e de bela confecção, em conformidade com a sua elevada posição. Em acréscimo ao traje de linho do sacerdote comum, usava uma vestimenta de azul, também tecida em uma única peça. Ao longo das franjas era ornamentada com campainhas de ouro, e romãs de azul, púrpura e escarlate. Sobre isso estava o éfode, uma vestidura mais curta, de ouro, azul, púrpura, escarlate e branco. Era preso por um cinto das mesmas cores, belamente trabalhado. O éfode não tinha mangas, e em suas ombreiras bordadas de ouro achavam-se colocadas duas pedras de ônix, que traziam os nomes das doze tribos de Israel.

Sobre o éfode estava o peitoral, a mais sagrada das vestimentas sacerdotais. Este era do mesmo material que o éfode. Era de forma quadrada, media um palmo, e estava suspenso dos ombros por um cordão de azul, por meio de argolas de ouro. As bordas eram formadas de uma variedade de pedras preciosas, as mesmas que formam os doze fundamentos da cidade de Deus. Dentro das bordas havia doze pedras engastadas de ouro, dispostas em fileiras de quatro, e como as das ombreiras, tendo gravados os nomes das tribos. As instruções do Senhor foram: 'Arão levará os nomes dos filhos de Israel no peitoral do juízo sobre o seu coração, quando entrar no santuário, para memória diante do Senhor continuamente.' (Êxodo 28:29). Assim Cristo, o grande Sumo Sacerdote, pleiteando com Seu sangue diante do Pai, em prol do pecador, traz sobre o coração o nome de toda alma arrependida e crente. Diz o salmista: 'Eu sou pobre e necessitado; mas o Senhor cuida de mim.' (Salmos 40:17).

À direita e à esquerda do peitoral havia duas grandes pedras de grande brilho. Estas eram conhecidas por Urim e Tumim. Por meio delas fazia-se saber a vontade de Deus pelo sumo sacerdote. Quando se traziam pe-

rante o Senhor questões para serem decididas, uma auréola de luz que rodeava a pedra preciosa à direita, era sinal do consentimento ou aprovação divina, ao passo que uma nuvem que ensombrava a pedra à esquerda, era prova de negação ou reprovação.

A mitra do sumo sacerdote consistia no turbante de alvo linho, tendo presa ao mesmo, por um laço de azul, uma lâmina de ouro que trazia a inscrição: 'Santidade ao Senhor.' (Êxodo 28:36). Todas as coisas ligadas ao vestuário e conduta dos sacerdotes deviam ser de molde a impressionar aquele que as via, dando-lhe uma intuição da santidade de Deus, santidade de Seu culto, e pureza exigida daqueles que iam à Sua presença.

Não somente o santuário em si mesmo, mas o ministério dos sacerdotes, deviam servir 'de exemplar e sombra das coisas celestiais' (Hebreus 8:5)."[6] Tudo isso apontava ao fato de que, por meio do sumo sacerdote, cada membro da família de Deus tinha um Representante perante o Altíssimo.

A VERDADE QUE FORTALECEU A FÉ DO POVO EXPECTANTE

O apóstolo Paulo, tentando dirigir a atenção do povo ao evangelho no Antigo Testamento que era apresentado no serviço do santuário, disse: "Ora, a suma do que temos dito é que temos um Sumo Sacerdote tal, que está assentado nos céus à destra do trono da Majestade, Ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo, o qual o Senhor fundou, e não o homem." (Hebreus 8:1 e 2). Pela virtude de Sua morte e ressurreição, torna-Se o Ministro do "verdadeiro tabernáculo o qual o Senhor fundou, e não o homem". (Hebreus 8:3). "Foram homens que erigiram o tabernáculo judaico; homens construíram o templo; o santuário de cima, porém, do qual o terrestre era o símbolo, não foi construído por nenhum arquiteto humano. 'Eis aqui o Homem cujo nome é Renovo; Ele mesmo edificará o templo do Senhor, e levará a glória, assentar-Se-á, e dominará no Seu trono' (Zacarias 6:12 e 13)."[7]

"Como se comportava o povo no dia da expiação? O que fazia? Era um tempo de profunda humilhação e de jejum. Não era somente uma mera questão de um ano de vida que estava sendo decidida, mas uma questão de vida eterna."

O pequeno grupo de fiéis filhos de Deus havia experimentado o desapontamento de 1844; a eles foi revelada a verdade sobre o santuário celeste, onde estava sendo realizado o serviço expiatório. Assim, eles finalmente compreenderam que o serviço do Antigo Testamento era apenas o reflexo das coisas que estavam realmente acontecendo no Novo Testamento. É uma pena que muitas pessoas, lendo a Bíblia, pensem que a obra de expiação foi concluída no Calvário. A crucifixão foi apenas parte do plano da salvação. O Cordeiro havia tirado o pecado do mundo. Mas Seu sangue tinha de ser levado para dentro do santuário celestial para ser apresentado perante a lei moral dos dez mandamentos.

"Então, no lugar santíssimo, [aqueles que haviam olhado pela fé à Sua segunda vinda] contemplaram de novo seu compassivo Sumo Sacerdote, prestes a aparecer como Rei e Libertador. A luz proveniente do santuário iluminou o passado, o presente e o futuro. Souberam que Deus os havia guiado por Sua providência infalível."[8]

NOSSO SUMO SACERDOTE NO SANTUÁRIO CELESTIAL

Foi mostrado a João que, após a ressurreição de Cristo, o Senhor ascendeu ao Céu e começou a ministrar no primeiro compartimento do santuário celestial: "E virei-me para ver quem falava comigo. E, virando-me, vi sete castiçais de ouro; e, no meio dos sete castiçais, Um semelhante ao Filho do homem, vestido até os pés de uma veste comprida e cingido pelo peito com um cinto de ouro. E a Sua cabeça e cabelos eram brancos como lã branca, como a neve, e os olhos, como chama de fogo" (Apocalipse 1:12-14). Mas no santuário terrestre, havia um tempo quando a ministração regular no primeiro compartimento se encerrava, e chegava um dia especial de expiação no qual a obra era realizada no segundo compartimento. Quando começou o dia da expiação no santuário celeste? Daniel revela: "Eu continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e um Ancião de dias Se assentou; a Sua veste era branca como a neve, e o cabelo da Sua cabeça, como a limpa lã; o Seu trono, chamas de fogo, e as rodas dele, fogo ardente. Um rio de fogo manava e saía de diante dEle; milhares de milhares O serviam, e milhões de milhões estavam diante dEle; assentou-se o juízo, e abriram-se os livros." (Daniel 7:9 e 10). Mais tarde, o apóstolo João também descreve o santuário celeste e seu serviço, mas, exatamente como na primeira visão, observa a obra de expiação, intercessão e cuida-

do pelos sete períodos da igreja no Novo Testamento. Desta vez, é adicionada a mensagem do juízo: "E iraram-se as nações, e veio a Tua ira, e o tempo dos mortos, para que sejam julgados, e o tempo de dares o galardão aos profetas, Teus servos, e aos santos, e aos que temem o Teu nome, a pequenos e a grandes, e o tempo de destruíres os que destroem a Terra. E abriu-se no Céu o templo de Deus, e a arca do Seu concerto foi vista no Seu templo; e houve relâmpagos, e vozes, e trovões, e terremotos, e grande saraiva." (Apocalipse 11:18 e 19).

Portanto a mensagem de Apocalipse 14 sobre o juízo que se iniciaria em 1844 era verdadeira, e se harmonizava com a cadeia profética. Mas esse julgamento tinha de ser no Céu. Consequentemente, em 1844 nosso Sumo Sacerdote passou para o santo dos santos a fim de executar lá a última parte de Seu ministério, e Ele estará lá até o fim do tempo de graça.

"Jesus é o nosso grande Sumo Sacerdote no Céu. E que faz Ele? Faz intercessão e expiação por Seu povo que nEle crê. Pela Sua justiça imputada, eles são aceitos por Deus como sendo aqueles que estão manifestando ao mundo que reconhecem a fidelidade a Deus, observando todos os Seus mandamentos."[9]

COMPREENDENDO A IMPORTANTE OBRA DE NOSSO SUMO SACERDOTE

Hoje a atenção do Israel espiritual está focada no lugar onde nosso Sumo Sacerdote oficia. Como se comportava o povo no dia da expiação? O que fazia? Era um tempo de profunda humilhação e de jejum. Não era somente uma mera questão de um ano de vida que estava sendo decidida, mas uma questão de vida eterna. Então, à semelhança disso, algumas questões surgem para nós hoje: Como devemos nos comportar no período em que nosso destino está sendo decidido? Nós realmente mostramos que estamos vivendo no tempo de purificação do santuário celestial quando demonstramos orgulho e arrogância? Talvez estejamos muito frequentemente esquecendo a purificação dos "antigos pecados" (ver 2 Pedro 1:9). Chegará o tempo em que o Sumo Sacerdote deixará o santuário celeste. Querido irmão, irmã, amigo: O que Ele trará para você e para mim? Trará uma bênção? Ter fé no sangue desse Sumo Sacerdote pode lavar nossos pecados. Sem a intercessão dEle, não podemos remover sequer um pecado que impede você e eu de entrarmos na bem-aventurança da eternidade. Pelo sacrifício expiatório, esse pecado é transferido para o santuário celestial, e então pode ser apagado. O conceito é tão amplo que podemos não ser capazes de compreendê-lo inteiramente – mas quando nós exercemos fé em nosso todo-poderoso Salvador, confiando em Sua graça, Ele cumpre essa magnífica redenção em nossa vida.

"E agora o Príncipe de nossa salvação não intercede por nós como mero peticionário, mas como um Conquistador que reclama a vitória. [...] Cristo Se comprometeu a ser nosso substituto e fiador, e não despreza ninguém. Ele, que não pôde ver seres humanos sujeitos à ruína eterna sem entregar Sua vida à morte por eles, contemplará com piedade e compaixão todo aquele que reconhece não poder salvar a si próprio."[10]

CONCLUSÃO

Quando a porta da graça se fechar, muitas pessoas reconhecerão a realidade da perdição, a inevitabilidade da punição eterna, e a perda da vida. Naquele tempo, elas estarão prontas a desistir de tudo a fim de receber a oportunidade de confessar seus pecados ao Sumo Sacerdote. Quantas pessoas supõem professar a Cristo como sendo Seu hoje, mas, quando Ele aparecer, lhes declarará: "Nunca vos conheci; apartai-vos de Mim, vós que praticais a iniquidade." (Mateus 7:23). Sejamos vigilantes e oremos, a fim de que não substituamos a verdadeira fé baseada nas incontestáveis profecias bíblicas pela insensatez da presunção. Seu nome pode ser apresentado no coração de Cristo assim como uma vez havia doze pedras no peitoral do juízo do sumo sacerdote terreno. Pela fé, você pode manter os olhos fixos nEle no santuário celeste até aquele glorioso momento, quando poderá clamar a Ele: "Eis que este é o nosso Deus, a quem aguardávamos, e Ele nos salvará; este é o Senhor, a quem aguardávamos; na Sua salvação, exultaremos e nos alegraremos." (Isaías 25:9). Se uma pessoa já esteve à beira da ruína ou encarou a face da morte – entendendo profundamente que deve a vida ao Salvador –, é impossível esquecer esse fato. O sacrifício e o serviço de Cristo nunca serão esquecidos na eternidade. Que nós, semelhantemente, não o esqueçamos nunca durante nosso breve tempo de permanência na Terra. Amém.

Referências:

1 Patriarcas e profetas, p. 141.
2 Atos dos apóstolos, p. 14.
3 Patriarcas e profetas, p. 355.
4 Ibidem, p. 350.
5 Testemunhos para a igreja, vol. 2, p. 614.
6 Patriarcas e profetas, pp. 350-352.
7 O Desejado de Todas as Nações, pp. 165 e 166.
8 O grande conflito, p. 423.
9 Testemunhos para ministros e obreiros evangélicos, p. 37.
10 Parábolas de Jesus, pp. 156 e 157.

O NOVO CONCERTO

Uma compilação da Bíblia e do Espírito de Profecia, com comentários de

B. Monteiro

CORDAS DE AREIA?

Promessas como cordas de areia? Quão boas são elas? Quem precisa desse tipo de promessa? Ninguém. Você tenta agarrar-se a ela, para apenas vê-la desintegrar-se e desvanecer num segundo, deixando-o terrivelmente insatisfeito e desapontado... Sim, podemos somente imaginar o desapontamento que Jeová deve ter sentido em ser assim traído! Relembre a situação:

"Vindo, pois, Moisés e contando ao povo todas as palavras do Senhor e todos os estatutos, então, o povo respondeu a uma voz. E disseram: **Todas as palavras que o Senhor tem falado faremos.** E Moisés escreveu todas as palavras do Senhor, e levantou-se pela manhã de madrugada, e edificou um altar ao pé do monte e doze monumentos, segundo as doze tribos de Israel; e enviou certos jovens dos filhos de Israel, os quais ofereceram holocaustos e sacrificaram ao Senhor sacrifícios pacíficos de bezerros. E Moisés tomou a metade do sangue e a pôs em bacias; e a outra metade do sangue espargiu sobre o altar. E tomou o livro do concerto e o leu aos ouvidos do povo, e eles disseram: **Tudo o que o Senhor tem falado faremos e obedeceremos. Então, tomou Moisés aquele sangue, e o espargiu sobre o povo, e disse: Eis aqui o sangue do concerto que o Senhor tem feito convosco sobre todas estas palavras.**" (Êxodo 24:3-8, ênfase acrescentada).

É ESSA UMA PROMESSA DIGNA DE CONFIANÇA?

O que é um concerto? Devia ser um acordo confiável e altamente fidedigno em que se pode confiar, não devia? Em Êxodo 24, ele foi até selado com sangue! Que maravilhosa promessa o povo havia feito! Não foi nobre da parte deles fazer tão grande declaração?

Tragicamente, contudo, o vergonhoso resultado diz o contrário. Apenas alguns capítulos depois, vemos a história que ocorreu a seguir (quando Deus estava em comunhão com Moisés no monte, para benefício do povo):

"Mas, vendo o povo que Moisés tardava em descer do monte, ajuntou-se o povo a Arão e disseram-lhe: Levanta-te, faze-nos deuses que vão adiante de nós; porque quanto a este Moisés, a este homem que nos tirou da terra do Egito, não sabemos o que lhe sucedeu. E Arão lhes disse: Arrancai os pendentes de ouro que estão nas orelhas de vossas mulheres, e de vossos filhos, e de vossas filhas e trazei-mos. Então, todo o povo arrancou os pendentes de ouro que estavam nas suas orelhas, e os trouxeram a Arão, e ele os tomou das suas mãos, e formou o ouro com um buril, e fez dele um bezerro de fundição. Então, disseram: Estes são teus deuses, ó Israel, que te tiraram da terra do Egito. E Arão, vendo isto, edificou um altar diante dele; e Arão apregoou e disse: Amanhã será festa ao Senhor. E, no dia seguinte, madrugaram, e ofereceram holocaustos, e trouxeram ofertas pacíficas; e o povo assentou-se a comer e a beber; depois, levantaram-se a folgar." (Êxodo 32:1-6).

Qual foi a reação de Moisés à grave violação do povo ao voto que havia feito?

"E aconteceu que, chegando ele [Moisés] ao arraial e vendo o bezerro e as danças, acendeu-se o furor de Moisés, e arremessou as tábuas das suas mãos, e quebrou-as ao pé do monte, e tomou o bezerro que tinham feito, e queimou-o no fogo, moendo-o até que se tornou em pó; e o espargiu sobre as águas e deu-o a beber aos filhos de Israel." (Êxodo 32:19 e 20).

Em absoluta tristeza, o fiel subpastor de Israel despedaçou as tábuas de pedra como uma poderosa lição objetiva para demonstrar ao povo a lei despedaçada que eles haviam vergonhosamente violado. Que tipo de lamentável concerto eles haviam feito com seu Libertador e Amigo? Claramente, foi um em que não se podia confiar. Por que não? Por causa da parte deles, que repousava unicamente na fragilidade da força humana. Autossuficiência sempre tende a ruir sob pressão – a história tem revelado isso desde os dias de Caim até os do zeloso Jeú, e mesmo no momento da ardente e jactansiosa negação de Pedro a seu Senhor. Qualquer concerto que repouse sobre os frágeis méritos de meros mortais está fadado ao fracasso.

ISRAEL E O "ANTIGO CONCERTO"

"Deus os levou [Seu povo Israel] ao Sinai; manifestou Sua glória; deu-lhes Sua lei, com promessa de grandes bênçãos sob condição de obediência: 'Se diligentemente ouvirdes a Minha voz, e guardardes o Meu concerto, então [...] Me sereis um reino sacerdotal e o povo santo.' (Êxodo 19:5 e 6). **O povo não compreendia a pecaminosidade de seus corações, e que sem Cristo lhes era impossível guardar a lei de Deus; e prontamente entraram em concerto com Deus. Entendendo que eram capazes de estabelecer sua própria justiça, declararam: 'Tudo o que o Senhor tem falado faremos, e obedeceremos.'** (Êxodo 24:7). Haviam testemunhado a proclamação da lei, com terrível majestade, e tremeram aterrorizados diante do monte; e no entanto apenas algumas semanas se passaram antes que violassem seu concerto com Deus e se curvassem para adorar uma imagem esculpida. **Não poderiam esperar o favor de Deus mediante um concerto que tinham violado** [...].

As condições do 'velho concerto' eram: Obedece e vive – 'cumprindo-os [estatutos e juízos] o homem, viverá por eles' (Ezequiel 20:11; Levítico 18:5); mas 'maldito aquele que não confirmar as palavras desta lei' (Deuteronômio 27:26)."[1]

Sim, Deus havia sido fiel como sempre, mas infelizmente Seu povo havia quebrado sua parte do acordo. Então isso tornou o concerto nulo e inválido. Havia Deus virado as costas a eles em desgosto? Vira as costas para nós em desgosto quando agimos errado? Não. Em vez disso, Ele misericordiosamente instrui todos que estão dispostos a serem ensinados. Vejamos o que podemos aprender sobre a abundante graça de Deus:

"O 'novo concerto' foi estabelecido com melhores promessas: promessas do perdão dos pecados e da graça de Deus para renovar o coração, e levá-lo à harmonia com os princípios da lei de Deus."

"Vivendo em meio de idolatria e corrupção, [os filhos de Israel] não tinham uma concepção verdadeira da santidade de Deus, da excessiva pecaminosidade de seu próprio coração, de sua completa incapacidade para, por si mesmos, prestar obediência à lei de Deus, e de sua necessidade de um Salvador. Tudo isto deveria ser-lhes ensinado.

[...] e agora, vendo sua índole pecaminosa e necessidade de perdão, **foram levados a sentir que necessitavam do Salvador** revelado no concerto abraâmico e prefigurado nas ofertas sacrificais. Agora, pela fé e amor, uniram-se a Deus como seu Libertador do cativeiro do pecado. Estavam então, preparados para apreciar as bênçãos do novo concerto.

[...] O 'novo concerto' foi estabelecido com melhores promessas: promessas do perdão dos pecados, e da graça de Deus para renovar o coração, e levá-lo à harmonia com os princípios da lei de Deus. 'Este é o concerto que farei com a casa de Israel depois daqueles dias, diz o Senhor: *Porei a Minha lei* no seu interior, *e a escreverei no seu coração.* [...] Porque lhes perdoarei a sua maldade, e nunca mais Me lembrarei dos seus pecados.' (Jeremias 31:33 e 34).

A mesma lei que fora gravada em tábuas de pedra é escrita pelo Espírito Santo nas tábuas do coração. Em vez de cuidarmos em estabelecer nossa própria justiça, aceitamos a justiça de Cristo. Seu sangue expia os nossos pecados. Sua obediência é aceita em nosso favor. Então o coração renovado pelo Espírito Santo produzirá os 'frutos do Espírito'. **Mediante a graça de Cristo viveremos em obediência à lei de Deus escrita em nosso coração.** Tendo o Espírito de Cristo, andaremos como Ele andou."[2]

O que Jesus podia honestamente declarar de Si mesmo enquanto vivia como o Filho do homem na Terra? "Deleito-Me em fazer a Tua vontade, ó Deus Meu; sim, a Tua lei está dentro do Meu coração." (Salmos 40:8). Ele era inteiramente capaz de atestar: "O Pai não Me tem deixado só, porque Eu faço sempre o que Lhe agrada." (João 8:29). Mesmo quando aborrecido sob a mais severa tentação, Jesus podia de fato dizer: "o príncipe deste mundo" – o arquienganador e inimigo de nossa alma – "nada tem em Mim" (João 14:30).

"Nem mesmo por um pensamento poderia nosso Salvador ser levado a ceder ao poder da tentação."[3] Os ilegais e enganadores embustes do diabo não poderiam encontrar uma nota correspondente no coração de Jesus. Essa é a condição espiritual à qual devemos também chegar. "É nesta vida que devemos afastar de nós o pecado, pela fé no sangue expiatório de Cristo. Nosso precioso Salvador nos convida a unir-nos a Ele, a ligar nossa fraqueza à Sua força, nossa ignorância à Sua sabedoria, aos Seus méritos nossa indignidade."[4]

O CONCERTO ABRAÂMICO

"Assim como a Bíblia apresenta duas leis, uma imutável e eterna, e outra provisória e temporária, assim há dois concertos. O concerto da graça foi feito primeiramente com o homem no Éden, quando, depois da queda, foi feita uma promessa divina de que a semente da mulher feriria a cabeça da serpente. A todos os homens, este concerto oferecia perdão e a graça auxiliadora de Deus para a futura obediência mediante a fé em Cristo. Prometia-lhes também vida eterna sob condição de fidelidade para com a lei de Deus. Assim receberam os patriarcas a esperança da salvação.

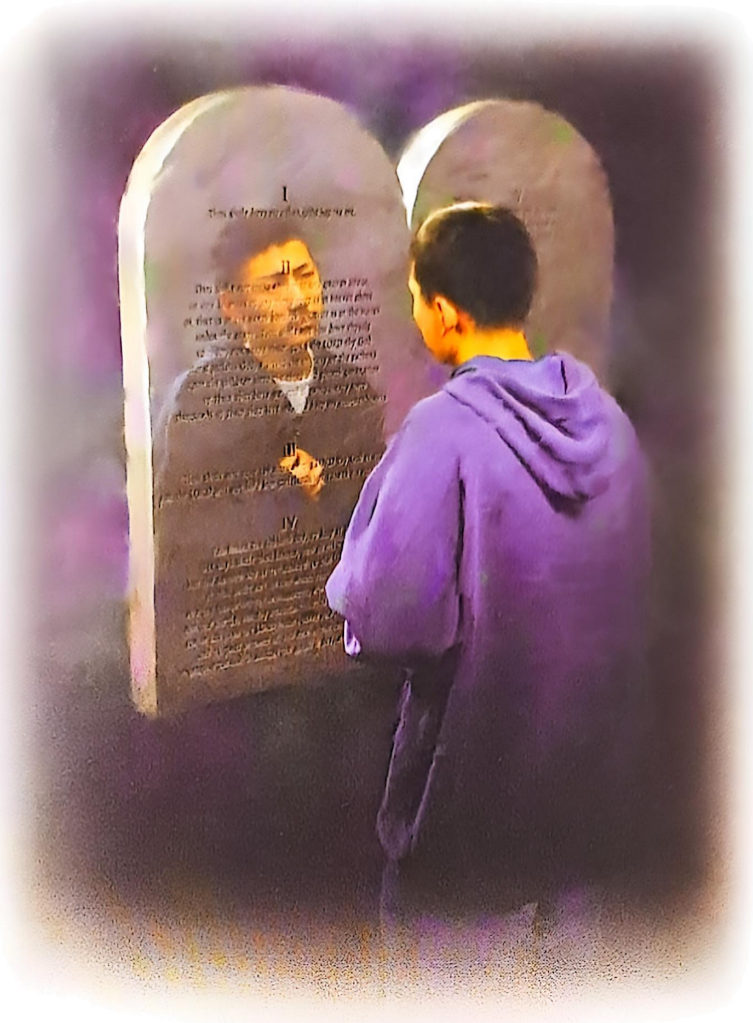
Este mesmo concerto foi renovado a Abraão, na promessa: 'Em tua semente serão benditas todas as nações da Terra.' (Gênesis 22:18). Esta promessa apontava para Cristo. Assim Abraão a compreendeu (Gálatas 3:8 e 16), e confiou em Cristo para o perdão dos pecados. Foi esta fé que lhe foi atribuída como justiça. O concerto com Abraão mantinha também a autoridade da lei de Deus. [...] [Ver Gênesis 17:1, 7; 26:5].

Se bem que este concerto houvesse sido feito com Adão e renovado a Abraão, não poderia ser ratificado antes da morte de Cris-

"Nem mesmo por um pensamento poderia nosso Salvador ser levado a ceder ao poder da tentação."

to. Existira pela promessa de Deus desde que se fez a primeira indicação de redenção; fora aceito pela fé; contudo, **ao ser ratificado por Cristo, é chamado um *novo* concerto. A lei de Deus foi a base deste concerto, que era simplesmente uma disposição destinada a levar os homens de novo à harmonia com a vontade divina, colocando-os onde poderiam obedecer à lei de Deus.**

[...] O concerto abraâmico foi ratificado pelo sangue de Cristo, e é chamado o 'segundo', ou o 'novo' concerto, porque o sangue pelo qual foi selado foi vertido depois do sangue do primeiro concerto. Que o novo concerto era válido nos dias de Abraão, evidencia-se do fato de que foi então confirmado tanto pela promessa quanto pelo juramento de Deus, 'duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta' (Hebreus 6:18)."[5]



BANINDO UM MITO COMUM

Muitos falsos mestres hoje tentam enganar pessoas honestas, levando-as a pensar que o "antigo concerto" é a lei dos dez mandamentos, e que o "novo concerto" é simplesmente crer em Cristo (fé sem lei). É uma manobra perigosa separar Cristo da sagrada lei moral, que é a transcrição eterna de Seu perfeito caráter de amor. Jesus nunca dá tal visão distorcida de fé. Contudo, pode surgir a sincera pergunta: "Mas, se o concerto abraâmico continha a promessa da redenção, por que se formou outro concerto no Sinai?"[6]

É dada a resposta:

"Em seu cativeiro, o povo [de Israel] em grande parte perdera o conhecimento de Deus e os princípios do concerto abraâmico. Libertando-os do Egito, **Deus procurou revelar-lhes Seu poder e misericórdia, a fim de que fossem levados a amá-lO e a confiar nEle.** Trouxe-os ao Mar Vermelho – onde, perseguidos pelos egípcios, parecia impossível escaparem – **a fim de que se compenetrassem de seu completo desamparo, e da necessidade de auxílio divino**; e então lhes operou o livramento. **Assim eles se encheram de amor e gratidão para com Deus, e de confiança em Seu poder para os ajudar.**"[7]

De que maneira isso se aplica a nós hoje? O apóstolo Paulo explica: "Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo" "Anulamos, pois, a lei pela fé? De maneira nenhuma! Antes, estabelecemos a lei." "Porquanto, o que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando o Seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne, para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito." (Romanos 5:1; 3:31; 8:3 e 4).

É REALMENTE POSSÍVEL GUARDAR TODA A LEI MORAL?

"Se não fosse possível que seres humanos debaixo do concerto abraâmico guardassem os mandamentos de Deus, todos nós estaríamos perdidos. O concerto abraâmico é o concerto da graça. 'pela graça sois salvos' (Efésios 2:5). [Cita-se João 1:11 e 12]. Filhos desobedientes? Não, obedientes a todos os Seus mandamentos. Se não nos fosse possível sermos observadores dos mandamentos, então por que Ele faz da obediência a Seus mandamentos a prova de que O amamos?"[8]

Permanecendo no novo concerto, recebemos a abundante graça de Deus – Sua misericórdia e poder – pela obediência. Participando de Sua Palavra – comendo e assimilando o Pão da Vida –, nossa natureza terrena é destruída, e somos energizados com vida do alto. No novo concerto, não estamos mais sob a punição da lei porque a lei está em nosso coração. "Porque esta é a caridade de Deus: que guardemos os Seus mandamentos; e os Seus

mandamentos não são pesados. Porque todo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé." (1 João 5:3 e 4).

FORÇA PARA A ALMA DOENTE PELO PECADO: CONSERTANDO AQUELAS CORDAS DE AREIA

Queridos, vocês se sentem impotentes algumas vezes – escravizados pelas correntes de maus hábitos, conduta defeituosa, grave imperfeição? Caso sintam-se assim, não estão sozinhos:

"Sentindo o terrível poder da tentação, [...] muito homem brada em desespero: 'Não posso resistir ao mal.' Dizei-lhe que ele pode, que ele precisa resistir. Poderá haver sido derrotado uma e outra vez, mas não é necessário que seja sempre assim. [...]

Os que põem em Cristo a confiança não devem ficar escravizados por nenhuma tendência ou hábito hereditário ou cultivado. Em lugar de ficar subjugados em servidão à natureza inferior, devem reger todo apetite e paixão. Deus não nos deixou lutar com o mal em nossa própria, limitada força. Sejam quais forem nossas tendências herdadas ou cultivadas para o erro, podemos vencer, mediante o poder que Ele nos está disposto a comunicar.

[...] Entregando a vontade a Cristo, aliamo-nos com o divino poder. Recebemos força do alto para nos manter firmes. Uma vida nobre e pura, uma vida vitoriosa sobre o apetite e a concupiscência, é possível a todo aquele que quiser unir sua vontade humana, fraca e vacilante, à onipotente e inabalável vontade de Deus."[9]

"Muitos indagam: '*Como* devo eu fazer a entrega do próprio eu a Deus?' Desejais entregar-vos a Ele, mas sois faltos de poder moral, escravos da dúvida e dirigidos pelos hábitos de vossa vida de pecado. Vossas promessas e resoluções são como palavras escritas na areia. Não podeis dominar os pensamentos, os impulsos, as afeições. O conhecimento de vossas promessas violadas e dos votos não cumpridos, enfraquece a confiança em vossa própria sinceridade, levando-vos a julgar que Deus não vos pode aceitar; mas não precisais desesperar. O que deveis compreender é a verdadeira força da vontade. Esta é o poder que governa a natureza do homem, o poder da decisão ou de escolha. Tudo depende da reta ação da vontade. O poder da escolha deu-o Deus ao homem; a ele compete exercê-lo. Não podeis mudar vosso coração, não podeis por vós mesmos consagrar a Deus as vossas afeições; mas podeis escolher servi-Lo. Podeis dar-Lhe a vossa vontade; Ele então operará em vós o querer e o efetuar, segundo a Sua vontade. Desse modo toda a vossa natureza será levada sob o domínio do Espírito de Cristo; vossas afeições centralizar-se-ão nEle; vossos pensamentos estarão em harmonia com Ele.

O desejo de bondade e santidade é, em si mesmo louvável; de nada, porém, valerão essas virtudes, se ficarem somente no desejo. Muitos se perderão enquanto esperam e desejam ser cristãos. Não chegam ao ponto de render a vontade a Deus. Não *escolhem* agora ser cristãos.

Mediante o conveniente exercício da vontade, pode operar-se em vossa vida uma mudança completa. Entregando a Cristo o vosso querer, aliai-vos com o poder que está acima de todos os principados e potestades. Tereis força do alto para estar firmes e, assim, pela constante entrega a Deus, sereis habilitados a viver a nova vida, a vida da fé."[10]

Com promessas como essas, graciosamente providas pelo próprio Criador Onipotente a toda alma contrita, não precisamos esperar o fracasso. A batalha já foi ganha; o sacrifício de Cristo no Calvário garante a vitória.

DO ANTIGO PARA O NOVO

"Porque, se aquele primeiro fora irrepreensível, nunca se teria buscado lugar para o segundo. Porque, repreendendo-os, lhes diz: Eis que virão dias, diz o Senhor, em que com a casa de Israel e com a casa de Judá estabelecerei um novo concerto, não segundo o concerto que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito; como não permaneceram naquele Meu concerto, Eu para eles não atentei, diz o Senhor. Porque este é o concerto que, depois daqueles dias, farei com a casa de Israel, diz o Senhor: porei as Minhas leis no seu entendimento e em seu coração as escreverei; e Eu lhes serei por Deus, e eles Me serão por povo." Hebreus 8:7-10.

Agarremo-nos de coração ao novo concerto mediante Cristo. Tal experiência não se desintegra como cordas de areia. Ao contrário, envolve-nos com cordas fortalecidas de amor que podem resistir durante toda a eternidade.

Referências:

1 *Patriarcas e profetas*, pp. 371 e 372. [Ênfase acrescentada.]

2 Ibidem [Ênfase acrescentada. Itálicos do autor.]

3 O grande conflito, p. 623.

4 Ibidem.

5 *Patriarcas e profetas*, pp. 370 e 371. [Ênfase acrescentada. Itálicos do autor.]

6 Ibidem, p. 371.

7 Ibidem [Ênfase acrescentada.]

8 *The SDA Bible Commentary* [E. G. White Comments], vol. 1, p. 1092.

9 *A ciência do bom viver*, pp. 174-176.

10 *Caminho a Cristo*, pp. 47 e 48. [Itálicos do autor.]

SEXTA-FEIRA, 9 DE DEZEMBRO DE 2011

SANGUE NO LUGAR SANTÍSSIMO

Por D. Jeyasingh

Sangue! À substância vermelha, ligeiramente acre com a qual todos estamos familiarizados é dada importância com solene simbolismo. Simboliza a vida e a morte (Gênesis 9:4-6). É um laço comum e essencial partilhado por toda a humanidade, já que Deus "de um só sangue fez toda a geração dos homens para que habitassem sobre toda a face da Terra" (Atos 17:26*).

Em uma época de violência, a humanidade tende a não dar valor para o sangue. Todos os dias, ele é deliberadamente derramado em algum lugar de nosso planeta. No entanto, não é desejo do Príncipe da Paz para Seu povo que sequer se envolva na obtenção de notícias do tipo, pois nos é ordenado: "não comuniqueis com as obras infrutuosas das trevas, mas, antes, condenai-as. Porque o que eles fazem em oculto, até dizê-lo é torpe. Mas todas essas coisas se manifestam, sendo condenadas pela luz, porque a luz tudo manifesta." (Efésios 5:11-13).

Deus sabe que os fracos humanos estão em sério perigo de tornar-se calejados e insensíveis à noção de derramamento de sangue, especialmente nestes últimos dias: "E, por se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos se esfriará." (Mateus 24:12).

Atos violentos de derramamento de sangue têm sido vividamente testemunhados tantas vezes por muitos dos que têm crescido nesta era de televisão, filmes, vídeos e DVDs que a mente está quase inteiramente entorpecida a tal tragédia. É de admirar que tal geração esteja se recusando a comover-se com o evangelho do manso e humilde Jesus? Pior ainda, para aqueles que têm sido expostos a verdadeira guerra ou têm sido infelizes vítimas de violência na vida real, as dolorosas impressões incrustadas das horripilantes cenas são ainda mais difíceis de apagar. Somente com a misericordiosa ajuda de Deus tais expe-

"As palavras 'expia', 'purifica', 'reconcilia', 'inocenta', 'perdoa', 'santifica', 'consagra', 'justifica', 'redime', 'apaga', são todas usadas significando a mesma obra de entrar no favor de Deus; e em todos os casos, o sangue é o meio pelo qual isso ocorre."

riências podem ser esquecidas e obliteradas da memória. Em vista do perigo existente, o Senhor nos diz:

"Os pecadores de Sião se assombraram, o tremor surpreendeu os hipócritas. Quem dentre nós habitará com o fogo consumidor? Quem dentre nós habitará com as labaredas eternas? O que anda em justiça e que fala com retidão, que arremessa para longe de si o ganho de opressões, que sacode das suas mãos todo o presente; que tapa os ouvidos para não ouvir falar de sangue e fecha os olhos para não ver o mal" (Isaías 33:14 e 15). Sim, não podemos escapar à realidade deste planeta decaído, mas temos poder para fazer escolhas sábias acerca daquilo a que permitimos que nós e nossos filhos estejamos expostos. Se nos preocupamos seriamente com a preparação de nossa alma para a eternidade, escolheremos fechar nossos olhos para não ver o mal e deter nossos ouvidos para não ouvir falar de sangue. Então a bela e confortadora segurança de Isaías pode ser nossa própria: "este habitará nas alturas; as fortalezas das rochas serão o seu alto refúgio, o seu pão lhe será dado, e as suas águas serão certas. Os teus olhos verão o Rei na Sua formosura, e verão a terra que está longe." (Isaías 16 e 17).

A EXCEÇÃO

Apesar de nosso dever de nos proteger tanto quanto possível de "ouvir falar de sangue", há uma história de derramamento de sangue que deve na verdade ser o foco de nossa atenção – e por uma boa razão:

"Sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver que, por tradição, recebestes dos vossos pais, mas com o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro imaculado e incontaminado, O qual, na verdade, em outro tempo, foi conhecido, ainda antes da fundação do mundo, mas manifestado, nestes últimos tempos, por amor de vós; e por Ele credes em Deus, que O ressuscitou dos mortos e Lhe deu glória, para que a vossa fé e esperança estivessem em Deus." (1 Pedro 1:18-21).

O precioso sangue de Cristo é o tema sagrado em torno do qual se centraliza nossa esperança de eternidade. "E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos." (Atos 4:12). Enquanto estava na Terra, Jesus declarou: "Agora, é o juízo deste mundo; agora, será expulso o príncipe deste mundo. E Eu, quando for levantado da Terra, todos atrairei a Mim. E dizia isso significando de que morte havia de morrer." (João 12:31-33).

SIMBOLISMO NA ORGANIZAÇÃO HEBRAICA

Nos tempos antigos, era ensinado bem cedo àqueles que temiam a Deus um princípio básico: "E quase todas as coisas, segundo a lei, se purificam com sangue; **e sem derramamento de sangue não há remissão.**" (Hebreus 9:22, ênfase acrescentada). Portanto, o sistema de sacrifícios foi designado para apontar ao sangue do Cordeiro de Deus, que devia tirar o pecado do mundo.

Deus guiou Seu povo pelo deserto por um período de quarenta anos antes de eles entrarem na terra prometida. No dia em que partiram, Deus declarou que esse seria o início do ano para eles. Três meses depois, o Senhor apareceu a Moisés no Monte Sinai e escreveu os dez mandamentos, dando-lhe também outras leis, civis. Mostrou-lhe um modelo do santuário do Céu e ordenou a ele que fizesse um santuário de acordo com o modelo (Êxodo 25:8). Esse santuário portátil era chamado *miqdash*, Sendo Arão o primeiro sumo sacerdote. Foi a partir daí que elaborados serviços foram primeiro implementados. Deus usa a experiência da escravidão no Egito e da miraculosa libertação como um paralelo para nossa experiência de escravidão ao pecado e a maravilhosa libertação dele.

O SANTUÁRIO DO PRIMEIRO CONCERTO

O santuário era o coração do sistema simbólico. Ali o Senhor colocou Seu nome, manifestava Sua glória e mantinha conversação com o sumo sacerdote

(Êxodo 25:8). O santuário incluía não só o tabernáculo com seus dois compartimentos, mas também o pátio e todos os utensílios da ministração, circundados pelo pátio no qual o tabernáculo ficava (Números 3:29-31; 10:17 e 21). Os sacerdotes se encarregavam das figuras ou modelos do verdadeiro tabernáculo. Paulo chama-o de santuário do primeiro concerto (Hebreus 9:1), no qual eram oferecidos tanto dons como sacrifícios (Hebreus 9:9). O sacerdócio do santuário terreno do primeiro concerto pertencia aos filhos de Levi.

O SANTUÁRIO DO NOVO CONCERTO

O santuário do novo concerto não está na Terra, mas no Céu. O verdadeiro tabernáculo, que forma uma parte do santuário do novo concerto, foi feito e fundado pelo Senhor. "Mas, vindo Cristo, o Sumo Sacerdote dos bens futuros, por um maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, isto é, não desta criação" (Hebreus 9:11). Quando Ele ascendeu à mão direita do Pai nos Céus, tornou-Se um "ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo, o qual o Senhor fundou, e não o homem" (Hebreus 8:2). **Esse é o santuário do novo concerto** (Hebreus 8:6). O sacerdócio do santuário celeste do melhor concerto pertence ao Filho de Deus. Ele cumpre tanto o sacerdócio de Melquisedeque quanto o de Arão.

CRISTO: O CORDEIRO E SACERDOTE

De todos os títulos de nosso Salvador, **"o Cordeiro de Deus"** (João 1:29 e 36) e **"Sumo Sacerdote"** (Hebreus 4:14) são muito estimados pela humanidade. Pela virtude desses dois ofícios, o Senhor eleva a pobre humanidade caída para partilhar Seu reino de graça e glória. Cristo foi feito Sumo Sacerdote "para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque" (Hebreus 7:17). Ele nunca teve um predecessor nem terá um sucessor.

O Messias era o Cordeiro morto desde a fundação do mundo. No serviço simbólico, o pecador devia trazer um cordeiro para uma oferta pelo pecado. O sacerdote não podia oficiar o ritual sem essa oferta (Levítico 4:27-29), mas Cristo podia, porque Ele tinha um sacerdócio imutável (Hebreus 7:21 e 24), superior ao dos filhos de Levi e da ordem de Arão. Sendo Ele perfeito, e Seu sacerdócio eterno, vive sempre para fazer intercessão por nós.

SERVIÇOS DIÁRIOS NO SANTUÁRIO TERRESTRE

"O culto cotidiano consistia no holocausto da manhã e da tarde, na oferta de incenso suave no altar de ouro, e nas ofertas especiais pelos pecados individuais."[1]

PELA NAÇÃO

"Toda manhã e tarde, um cordeiro de um ano era queimado sobre o altar, com sua apropriada oferta de manjares, simbolizando assim a consagração diária da nação a Jeová, e sua constante necessidade do sangue expiatório de Cristo."[2]

PELOS INDIVÍDUOS

"A parte mais importante do ministério diário era a oferta efetuada em prol do indivíduo. O pecador arrependido trazia a sua oferta à porta do tabernáculo e, colocando a mão sobre a cabeça da vítima, confessava seus pecados, transferindo-os assim, figuradamente, de si para o sacrifício inocente. Pela sua própria mão era então morto o animal, e o sangue era levado pelo sacerdote ao lugar santo e aspergido diante do véu, atrás do qual estava a arca que continha a lei que o pecador transgredira. Por esta cerimônia, mediante o sangue, o pecado era figuradamente transferido para o santuário. Nalguns casos o sangue não era levado ao lugar santo; mas a carne deveria então ser comida pelo sacerdote, conforme instruiu Moisés aos filhos de Arão, dizendo: 'O Senhor a deu a vós, para que levásseis a iniquidade da congregação' (Levítico 10:17). Ambas as cerimônias simbolizavam semelhantemente a transferência do pecado, do penitente para o santuário. [...]

Nas ofertas para o pecado apresentadas durante o ano, havia sido aceito um substituto em lugar do pecador; mas o sangue da vítima não fizera completa expiação pelo pecado. Apenas provera o meio pelo qual este fora transferido para o santuário. Pela oferta do sangue, o pecador reconhecia

a autoridade da lei, confessava a culpa de sua transgressão, e exprimia sua fé nAquele que tiraria o pecado do mundo; mas não estava inteiramente livre da condenação da lei."[3]

O SERVIÇO ANUAL NO SANTUÁRIO TERRESTRE

A expiação que o sumo sacerdote fazia no décimo dia do sétimo mês era diferente daquela que os sacerdotes faziam pelo povo na ministração diária. O sumo sacerdote podia entrar no lugar santíssimo para fazer expiação por **todo** o Israel, por todos os pecados do povo, uma vez ao ano, no décimo dia do sétimo mês (Levítico 16:34 e 29). Esse dia era chamado o dia da expiação, ou serviço anual. Esse serviço era feito pelo povo de Israel coletivamente, pelo apagamento do pecado – uma expiação nacional.

Esse era o dia mais importante do ano. A nação inteira, havendo tido seus pecados previamente perdoados pela expiação feita no lugar santo, agora se reunia ao redor do santuário enquanto o sumo sacerdote (Êxodo 28) entrava no santo dos santos para fazer expiação pelo tabernáculo (Levítico 16:18-20 e 33) e pelo povo, "para purificar-vos; e sereis purificados de todos os vossos pecados, perante o Senhor" (Levítico 16:30). Isso não era apenas comemorativo, mas simbólico. Apontava não somente à permanência no deserto no passado, mas também apontava ao futuro, ao grande dia da libertação final.

"Havendo [Arão], pois, acabado de expiar o santuário, e a tenda da congregação, e o altar, então, fará chegar o bode vivo. E Arão porá ambas as mãos sobre a cabeça do bode vivo e sobre ele confessará todas as iniquidades dos filhos de Israel e todas as suas transgressões, segundo todos os seus pecados; e os porá sobre a cabeça do bode e enviá-lo-á ao deserto, pela mão de um homem designado para isso. Assim, aquele bode levará sobre si todas as iniquidades deles à terra solitária" (Levítico 16:20-22).

"Visto que Satanás é o originador do pecado, o instigador direto de todos os pecados que ocasionaram a morte do Filho de Deus, a justiça exige que Satanás sofra a punição final."[4]

NO SANTUÁRIO CELESTIAL

No santuário celestial, nosso Sumo Sacerdote faz expiação por nós com Seu próprio sangue, e somos perdoados (1 Pedro 2:24). Ele carregou nossos pecados sobre Seu próprio corpo na cruz (Mateus 8:17; Isaías 53:4-12), e na presença do Pai Ele faz intercessão por nós (1 João 2:1 e 2).

"[...] no cerimonial típico, o sangue da oferta pelo pecado removia do penitente o pecado, mas este permanecia no santuário até o dia da expiação."[5]

No antítipo, nossos pecados – embora tenhamos deles nos arrependido, e os tenhamos confessado – permanecerão nos registros celestes (Isaías 65:6 e 7; 1 Timóteo 5:24) até que sejam apagados no juízo (Atos 3:19).

"Nossa verdadeira posição, e a única na qual há alguma segurança, é aquela de arrependimento e confissão de pecados perante Deus. Sentindo que somos pecadores, teremos fé em nosso Senhor Jesus Cristo, que unicamente é capaz de perdoar a transgressão e imputar a nós justiça. Quando os tempos de refrigério pela presença do Senhor vierem, então os pecados da alma arrependida, que recebeu a graça de Cristo e venceu pelo sangue do Cordeiro, serão removidos dos registros do Céu e colocados sobre Satanás, o bode emissário, o originador do pecado, e não mais serão lembrados contra ela, eternamente. Os pecados dos vencedores serão apagados dos livros de registro, mas o nome deles será mantido no livro da vida."[6]

No tipo, ou símbolo, o sangue da oferta pelo pecado removia o pecado do penitente, mas o pecado ficava no santuário até o dia da expiação. De modo semelhante, o sangue de Cristo, embora libertasse o pecador arrependido da condenação da lei, não cancelava o pecado imediatamente; este permaneceria no registro do santuário até a expiação final.

"No grande dia da paga final, os mortos devem ser 'julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras' (Apocalipse 20:12). Então, pela virtude do sangue expiatório de Cristo, os pecados de todo verdadeiro arrependido serão eliminados dos livros do Céu. Assim o santuário estará livre ou purificado, do registro de pecado. No tipo, esta grande obra de expiação, ou cancelamento de pecados, era representada pelas cerimônias do dia da expiação, a saber, pela purificação do santuário terrestre, a qual se realizava pela remoção dos pecados com que ele ficara contaminado, remoção efetuada pela virtude do sangue da oferta para o pecado.

Assim como na expiação final os pecados dos verdadeiros arrependidos serão apagados dos registros do Céu, para não mais serem lembrados nem virem à mente, assim no serviço típico eram levados ao deserto, para sempre separados da congregação."[7]

"Quando o sumo sacerdote entrava no lugar santíssimo, representando o lugar onde nosso Sumo Sacerdote está agora pleiteando, e espargia o sangue da expiação sobre o propiciatório, nenhum sacrifício propiciatório era oferecido do lado de fora. En-

"Se realmente sentimos muito por nossos pecados, exerceremos aquele arrependimento do qual não precisamos nos arrepender, e o sangue de Jesus terá poder para purificar-nos, para tornar-nos completos e habilitar-nos para o Céu."

quanto o sacerdote intercedia com Deus, todo coração devia estar curvado em contrição, suplicando o perdão pela transgressão.

O tipo encontrou o antítipo na morte de Cristo, o Cordeiro morto pelos pecados do mundo. Nosso grande Sumo Sacerdote havia feito o único sacrifício que tem algum valor em nossa salvação. Quando Se ofereceu sobre a cruz, uma perfeita expiação foi feita pelos pecados do povo."[8]

ESTIMANDO O SANGUE DA ASPERSÃO

Estamos vivendo no grande dia da expiação, um tempo em que devemos estar afligindo a alma, confessando nossos pecados, humilhando nosso coração perante Deus e nos preparando para o grande conflito final. Se realmente sentimos muito por nossos pecados, atingimos aquele arrependimento do qual não precisamos nos arrepender. O apóstolo Paulo descreve esse arrependimento genuíno em sua segunda epístola aos Coríntios: "Agora, folgo, não porque fostes contristados, mas porque fostes contristados para o arrependimento; pois fostes contristados segundo Deus; de maneira que por nós não padecestes dano em coisa alguma. Porque a tristeza segundo Deus opera arrependimento para a salvação, da qual ninguém se arrepende; mas a tristeza do mundo opera a morte. Porque quanto cuidado não produziu isso mesmo em vós que, segundo Deus, fostes contristados! Que apologia, que indignação, que temor, que saudades, que zelo, que vingança! Em tudo mostrastes estar puros neste negócio." (2 Coríntios 7:9-11).

Esse tipo de arrependimento é uma coisa boa e saudável. É evidência da obra do Espírito Santo na vida, como Jesus explicou: "E, quando Ele [o Consolador] vier, convencerá o mundo do pecado, e da justiça, e do juízo" (João 16:8). Um forte desejo por um arrependimento sincero é uma forte evidência da obra do Espírito Santo trabalhando em nossa vida. Confessar a Deus pecados específicos que talvez tenhamos omitido antes ou que possamos ter considerado de modo despreocupado; desculpar-se com outro por comportamento impensado ou por um mau procedimento que não percebemos antes; ter aspirações e desejos novos e altruístas que substituam nossos antigos alvos centrados no eu – tudo isso é evidência de que o sangue da expiação está sendo espargido sobre nosso coração.

Sim, o precioso sangue de Jesus tem poder para nos purificar e curar, santificando-nos de dentro para fora, até que estejamos aptos para o Céu. Não deixemos de dar importância a esse sangue! Em vez disso, apreciemos o sacrifício feito por Cristo e sigamo-lO para dentro do lugar santíssimo, iniciando pela fé a experiência que Ele deseja para cada um de nós.

"Tendo, pois, irmãos, ousadia para entrar no santuário, pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que Ele nos consagrou, pelo véu, isto é, pela Sua carne, e tendo um grande Sacerdote sobre a casa de Deus, cheguemo-nos com verdadeiro coração, em inteira certeza de fé; tendo o coração purificado da má consciência e o corpo lavado com água limpa, retenhamos firmes a confissão da nossa esperança, porque fiel é O que prometeu. E consideremo-nos uns aos outros, para nos estimularmos à caridade e às boas obras, não deixando a nossa congregação, como é costume de alguns; antes, admoestando-nos uns aos outros; e tanto mais quanto vedes que se vai aproximando aquele Dia." (Hebreus 10:19-25). Amém!

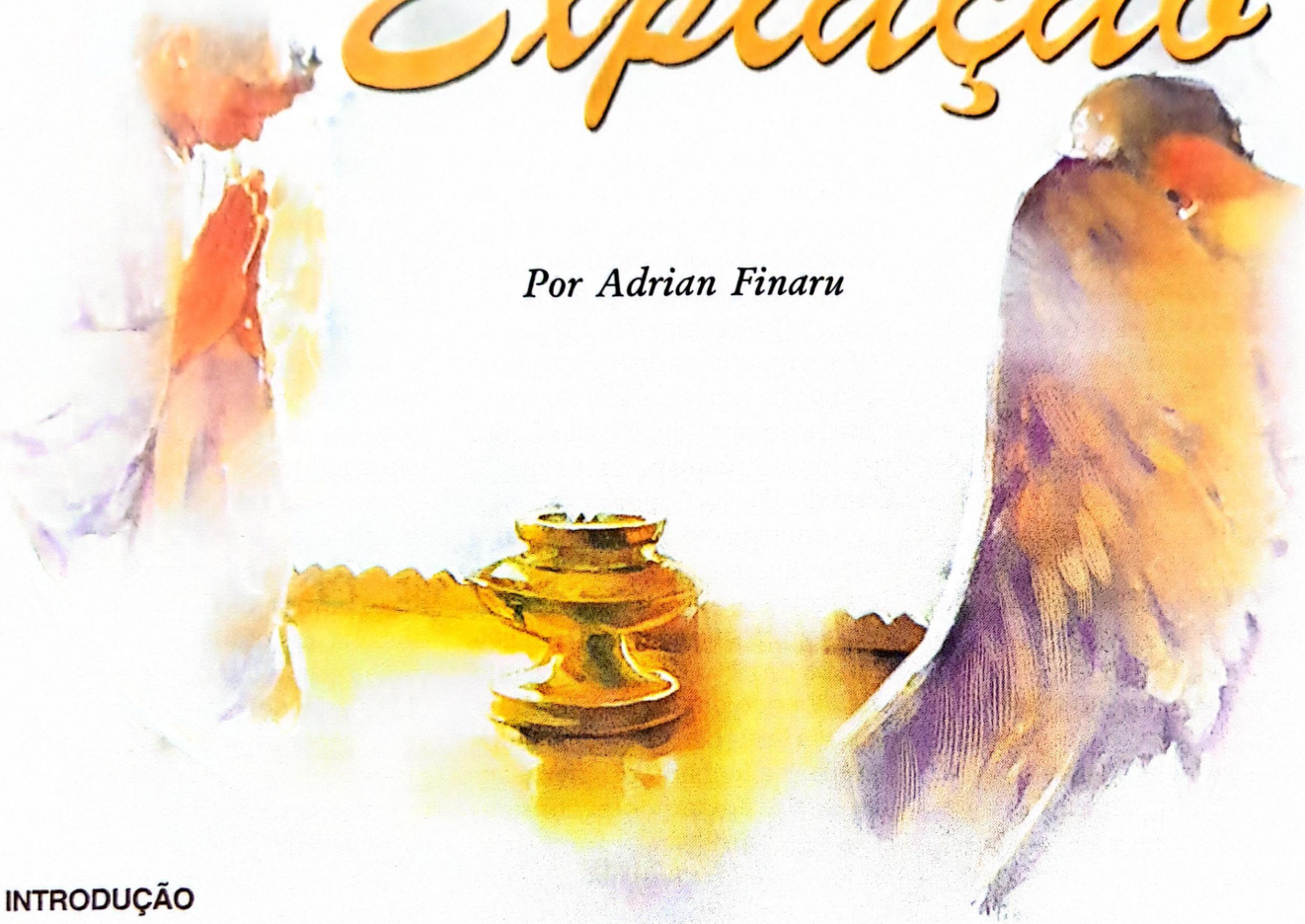
* Edição Revista e Reformada segundo o original Hebraico e Grego. *Trinitarian Bible Society*, Inglaterra.

Referências:

1 Patriarcas e profetas, p. 352.
2 Ibidem.
3 Ibidem, pp. 354-356.
4 Ibidem, p. 358.
5 Ibidem, p. 357.
6 The Signs of the Times, 16 de maio de 1895.
7 Patriarcas e profetas, pp. 357 e 358.
8 The Signs of the Times, 28 de junho de 1899.

O Grande Dia da Expiação

Por Adrian Finaru



INTRODUÇÃO

Desde o começo de minha experiência cristã (depois de me familiarizar com a mensagem da verdade presente), fui impressionado pelo fato de os irmãos, ao fim de cada ano, se reunirem para uma semana de oração especial. Ficava ainda mais impressionado ao ver que, a cada ano, aparentemente todos criam que poderia não haver outra semana de oração antes do retorno do Senhor. Surpreendentemente, desde minha primeira semana de oração, testemunhei dezessete outras, e ainda ouço as mesmas expressões esperançosas nessas ocasiões especiais. Aqui estou eu na semana de oração pela décima nona vez, me perguntando se haverá outra semana de oração antes do retorno de meu Senhor. E se não houver, onde eu estarei no fim do ano que vem?

Embora a obra no pátio e no lugar santo fosse realizada todos os dias, a obra no lugar santíssimo era realizada apenas uma vez ao ano. Dia a dia os pecadores arrependidos levavam suas ofertas à porta do santuário; colocando a mão sobre a cabeça da vítima, confessavam os pecados e assim, em símbolo, todos os seus pecados eram transferidos para o sacrifício inocente. Tal era a obra que acontecia diariamente ao longo do ano. Os pecados de Israel eram, dessa maneira, transferidos para o santuário, e uma obra especial tornava-se necessária para a remoção deles. Uma vez ao ano, no dia da expiação, o sumo sacerdote entrava no lugar santíssimo para a purificação do santuário.

O serviço diário do santuário, com seu sistema sacrifical apontando ao sacrifício na cruz, foi designado por Deus para exem-

plificar o plano da salvação mediante o perdão pelo pecado. O serviço anual no dia da expiação exemplifica a culminação do plano da salvação ao apontar para o dia do juízo final, quando tudo a que o santuário e seus serviços apontavam seria cumprido. Então, o pecado será totalmente erradicado do Universo, justiça eterna será estabelecida e a grande controvérsia entre Cristo e Satanás finalmente terá fim.

Portanto, é urgentemente necessário que nós, que vivemos no fim do tempo, consideremos os rituais do dia da expiação típico e sua aplicação antitípica.

"Todos precisam compreender melhor a obra da expiação que está sendo efetuada no santuário do Céu. Quando essa importante verdade for reconhecida e compreendida, os que a abraçaram trabalharão em harmonia com Cristo, a fim de preparar um povo que esteja em pé no grande dia de Deus, e seus esforços serão bem-sucedidos."[1]

O DIA DA EXPIAÇÃO TÍPICO

Para entendermos de modo apropriado as implicações desse serviço anual, resumiremos os rituais como registrados em Levítico 16:4-28. Na preparação para a mais importante obra do ano, Arão devia retirar suas vestes sacerdotais de todos os dias, lavar-se e então colocar as vestes especiais, as quais ele havia sido instruído a vestir para o serviço no santo dos santos. Então, ele verificava os animais necessários ao sacrifício: um novilho para a oferta por seu próprio pecado, e dois bodes, um pelo Senhor e outro para bode emissário; dois carneiros, um por Arão e o outro para holocausto em favor do povo.

A seguir, sacrificava o novilho por sua própria oferta pelo pecado. Antes de entrar no lugar santíssimo com o sangue do novilho, tinha de queimar incenso, cuja fumaça cobria o propiciatório e evitava sua morte por causa da glória de Deus.

Arão tomava então um pouco do sangue do novilho e o aspergia sete vezes sobre o propiciatório. Então, eram lançadas sortes sobre os dois bodes, a fim de determinar qual seria pelo Senhor e qual por bode emissário.

O bode pelo Senhor era sacrificado, e seu sangue era levado ao lugar santíssimo e aplicado sobre o propiciatório, exatamente como o sangue do novilho havia sido espargido. Estava, então, feita a purificação do lugar santo, onde a ninguém mais era permitido estar presente.

Do lado de fora da tenda, Arão devia fazer expiação pelo altar de holocausto, usando o sangue tanto do novilho quanto do bode. Então os pecados da nação eram simbolicamente depositados sobre a cabeça do segundo bode, e levados do arraial para um lugar solitário.

Arão entrava então na tenda da revelação, removia suas vestes de linho, lavava-se, punha suas vestes normais de sacerdote e queimava as ofertas de carneiros: um por Arão e sua família e o outro pelo povo.

A gordura da oferta pelo pecado era queimada sobre o altar, e os restos do novilho e do bode eram levados para fora do arraial, onde eram queimados. Aqueles que se haviam tornado impuros por lidar com os animais nos quais haviam sido depositados os pecados de Arão ou do povo deviam lavar-se antes de retornar ao arraial.

No pôr do sol do dia da expiação, os pecados todos haviam ido para a "terra da separação," e nada além de cinzas restavam como uma lembrança deles. Assim continuava o símbolo daquela obra celestial que deve decidir o destino eterno de cada alma que já viveu sobre a Terra.

O DIA ANTITÍPICO DA EXPIAÇÃO

"E ele [o anjo Gabriel] me disse [ao profeta Daniel]: Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado." (Daniel 8:14)

Essa é a referência profética à obra do dia da expiação antitípico, a purificação do santuário, a qual começou no fim dos 2.300 dias proféticos, no ano de 1844, quando Cristo entrou no lugar santíssimo do santuário celestial para

"Deus espera que a congregação antitípica na Terra faça sua parte tão fielmente quanto Cristo, nosso Sumo Sacerdote, faz a Sua no Céu."

cumprir a obra conclusiva da expiação, preparatória para Sua vinda.

A mensagem do santuário é única e foi revelada por visão e inspiração ao povo adventista. Do começo ao fim do período da igreja de Laodiceia, essa mensagem tem sido desafiada por líderes religiosos e mesmo pelos que eram supostamente seus defensores. Há um perigo tanto em atacar a mensagem quanto em fazê-la sem efeito por negligenciar estudá-la frequentemente e ensiná-la a nossas congregações e famílias. Nossos filhos, embora possam ser jovens, precisam se familiarizar com a obra de Cristo, visto que podem em breve ser aqueles que a proclamarão "com grande voz".

No dia da expiação típico, o destino do povo de Israel dependia da obra do sumo sacerdote. Os sacrifícios diários eram levados para o perdão de seus pecados, com a confiança de que, no décimo dia do sétimo mês, por meio da obra de seu representante, os pecados seriam apagados.

A obra do dia da expiação no lugar santíssimo celestial simboliza a fase final do ministério de Jesus em favor do pecador arrependido. Com esperança e fé em nosso Sumo Sacerdote, confessamos nossos pecados diariamente e esperamos pelo dia em que Ele haverá terminado a obra purificadora em nós e nos declarará dignos de Sua salvação.

À luz de Suas promessas e perfeito exemplo, "Cheguemos, pois, com confiança ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno." (Hebreus 4:16).

A EXPIAÇÃO NÃO FOI COMPLETADA NA CRUZ

Quando Jesus morreu na cruz, ofereceu perdão a todos os que cressem nEle, mas os pecados perdoados não foram cancelados ou apagados. Permaneciam ainda no livro de registro, aguardando o juízo final. O sangue de Jesus era representado pelas ofertas diárias de sacrifício, mediante as quais era provido um meio de transferir os pecados ao santuário celestial, onde permanecerão até a expiação final.

"O sangue de Cristo, ao mesmo tempo em que livraria da condenação da lei o pecador arrependido, não cancelaria o pecado; este ficaria registrado no santuário até a expiação final; assim, no cerimonial típico, o sangue da oferta pelo pecado removia do penitente o pecado, mas este permanecia no santuário até ao dia da expiação."[2]

O BODE EMISSÁRIO

No dia da expiação, a inteira remoção dos pecados do santuário era simbolizada pela confissão feita sobre a cabeça do bode emissário e pelo envio dele ao deserto, para nunca retornar ao arraial.

No tipo, depois de o sumo sacerdote haver terminado a obra dentro do santuário no dia da expiação, ele saía levando os pecados de todo o Israel e os colocava sobre a cabeça do bode emissário. Quando nosso Sumo Sacerdote terminar Sua obra no santuário celeste, Ele colocará todos os pecados dos justos sobre a cabeça de Satanás, o instigador do pecado. Satanás será, então, deixado sobre a Terra assolada por mil anos. No fim desse tempo, ele será solto por um período, e então queimado para sempre nas chamas do último dia.

No tipo, depois que o sumo sacerdote havia colocado os pecados de Israel sobre a cabeça do bode emissário, ele tirava as vestes usadas durante o ofício como sumo sacerdote no santuário e punha outras vestes; começava então uma obra no pátio. Quando Cristo houver terminado Sua obra no santuário celestial, não usará a veste sacerdotal, mas a real. Virá não mais para salvar, mas para recompensar cada um segundo as escolhas que fizeram enquanto ainda havia graça.

O DEVER DA CONGREGAÇÃO NO DIA DA EXPIAÇÃO

"Mas, aos dez deste mês sétimo, será o dia da expiação; **tereis santa convocação, e afligireis a vossa alma, e oferecereis oferta queimada ao Senhor. E, naquele mesmo dia, nenhuma obra fareis**, porque é o dia da expiação, para fazer expiação por vós perante o Senhor, vosso Deus." (Levítico 23:27 e 28, ênfase acrescentada).

No cerimonial típico, quando o sumo sacerdote entrava no lugar santíssimo, requeria-se de todo o Israel que se reunisse ao redor do santuário e, da maneira mais solene, humilhasse a alma perante Deus, para que pudessem receber o perdão pelos pecados e não serem extirpados da congregação. Além disso, era-lhes requerido levar uma oferta, separar esse dia para fins religiosos e não se envolver em atividades seculares que os

distrairiam da solenidade desse dia.

Quão mais solene devemos considerar este dia da expiação antitípico; quanto maior importância devemos dar à compreensão da obra de nosso Sumo Sacerdote; e que deveres nos são requeridos cumprir, para que possamos beneficiar-nos da expiação em vez de sermos extirpados da congregação dos remidos!

1. TEREIS SANTA CONVOCAÇÃO

A igreja de Deus, com os crentes de fé semelhante, é um dos meios mais eficientes da graça de Deus pelos quais nosso caráter está sendo aperfeiçoado. A importância de reunir-se com os santos não pode ser suficientemente enfatizada. Quando nos reunimos como um único corpo, temos oportunidade de dar louvor e glória a Deus, de encorajar-nos mutuamente e receber instrução e admoestação para nos ajudar a permanecer no caminho reto e estreito.

O apóstolo Paulo compara a igreja a um corpo com muitos membros, e enfatiza o fato de que quando um membro falta ou sofre, o corpo inteiro sofre. Muitos creem que, quanto mais o tempo avança, mais independentes nos tornarmos, e que a organização será menos necessária. A Bíblia, contudo, ensina que não devemos abandonar "a nossa congregação [...]; e tanto mais quanto vedes que se vai aproximando aquele Dia" (Hebreus 10:25).

A reunião do povo de Deus é como um incenso suave a nosso Pai celestial. Por meio do profeta Malaquias, Ele diz que, quando aqueles que temem ao Senhor falam frequentemente uns com os outros, um livro memorial é escrito (Malaquias 3:16). O Senhor mesmo promete estar presente onde quer que Seus amados filhos se reúnam em Seu nome, não importa quão poucos sejam (Mateus 18:20).

"É para nosso prejuízo que nos privamos do privilégio de nos reunir uns com os outros para nos fortalecer e animar mutuamente ao serviço do Senhor."[3]

2. AFLIGIREIS A VOSSA ALMA

Estamos vivendo num tempo de juízo, quando ou nossos pecados serão apagados do santuário ou nossos nomes serão apagados do livro da vida. Quão solene, então, deve estar nosso estado mental? É um tempo de afligir-se, quando a humildade deve caracterizar nossa vida em lugar do orgulho ou do amor à frivolidade.

"Achamo-nos no grande dia da expiação, e a santa obra de Cristo em favor do povo de Deus, que transcorre presentemente no santuário celestial, deveria ser nosso estudo permanente. Deveríamos ensinar nossos filhos sobre o significado do dia típico da expiação, e que era um tempo especial de grande humilhação e confissão de pecados a Deus. O dia antitípico da expiação deve ter o mesmo caráter."[4]

Se alguém falhasse em observar o dia da expiação como Deus orientara, seus pecados não seriam confessados sobre o bode emissário pelo sumo sacerdote, e ele seria exterminado de entre o povo de Deus. De modo semelhante, o indivíduo que, durante o dia da expiação antitípico, pensa que Cristo pleiteará seu caso enquanto ele ignora seu dever descobrirá que seu nome terá sido apagado do livro da vida.

Como indivíduos e como igreja, devemos humildemente aceitar a obra de purificação de Cristo e gastar tempo em profundo exame de coração, pois vivemos no dia da expiação antitípico, o qual será concluído com resultados irrevogáveis.

A obra de aflição no dia da expiação estava associada com o jejum. Deus chama nossa geração a afligir nossa alma, controlar nosso apetite, alimentar-nos do que nos dará mente clara, a fim de que Deus possa comunicar-Se conosco, e possamos estar aptos a discernir as verdades espirituais.

O Salvador deu advertência especial contra o mal de dar rédea solta ao apetite durante o tempo em que os registros da vida dos humanos estão sendo examinados, e as pessoas estão sendo consideradas dignas ou indignas da vida eterna: "E olhai por vós, para que não aconteça que o vosso coração se carregue de glutonaria, de embriaguez, e dos cuidados da vida, e venha sobre vós de improviso aquele dia." (Lucas 21:34).

3. OFERECEREIS OFERTA QUEIMADA AO SENHOR

O apóstolo Paulo convida-nos a levar um tipo diferente de sacrifício daquele oferecido no dia da expiação típico: "Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis o vosso corpo em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus" (Romanos 12:1).

O apóstolo Pedro vai ainda mais longe ao dizer que nossa oferta pode, algumas vezes, ser feita pelo fogo, com alegria. "Amados, não estranheis a ardente prova que vem sobre vós, para vos tentar, como se coisa estranha vos acontecesse; mas alegrai-vos no fato de serdes participantes das aflições de Cristo, para que também na revelação da Sua glória vos regozijeis e alegreis." (1 Pedro 4:12 e 13)

Em Seu amado Filho, Deus nos deu tudo. Fez provisão para nossa salvação, não importando quanto Lhe custaria. Seu Filho

Unigênito tornou-Se pobre para que enriquecêssemos, e morreu para que vivêssemos. Foi feito pecado, para que pudéssemos tornar-nos santos. Por que não consideraríamos um privilégio apresentar nosso corpo imperfeito e pecaminoso como sacrifício vivo?

4. NENHUMA OBRA FAREIS

No dia da expiação, era requerido de todo israelita que deixasse de lado o trabalho e dedicasse todos os pensamentos a buscar a Deus e servi-lO. Era dada prioridade à obra de Deus durante o dia inteiro.

Atualmente, Satanás não irá normalmente lançar um ataque agressivo contra nós a fim de que não fiquemos alerta e lhe rejeitemos os estratagemas. Em vez disso, sua tática mais comumente usada é a de simplesmente distrair nossa atenção das coisas importantes que nos assegurariam a expiação. Enquanto se espera que provejamos às necessidades de nossa família e de nós mesmos, isso não deveria obter controle sobre nossa vida e retirar os preciosos momentos que devemos dispor à preparação para a vida por vir. Essa era a preocupação de nosso Senhor com relação a Seus discípulos, quando lhes disse: "Não andeis, pois, inquietos, dizendo: Que comeremos ou que beberemos ou com que nos vestiremos? [...] Mas buscai primeiro o Reino de Deus, e a Sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas." (Mateus 6:31-33).

Lembremo-nos de que o apagamento dos pecados do santuário terrestre dependia da atitude da congregação que esperava do lado de fora do lugar santíssimo e que, hoje, Deus espera que a congregação antitípica na Terra faça sua parte tão fielmente quanto Cristo, nosso Sumo Sacerdote, faz a Sua no Céu.

O CARÁTER DE DEUS VINDICADO

Embora a maioria dos comentários contemporâneos sobre o dia da expiação antitípico insistam principalmente na obra purificadora que Cristo faz em favor do pecador arrependido, devemos lembrar os leitores deste artigo que a vindicação do caráter de Deus perante o Universo é de igual importância.

"Mas o plano da redenção tinha um propósito ainda mais vasto e profundo do que a salvação do homem. Não foi para isto apenas que Cristo veio à Terra; não foi simplesmente para que os habitantes deste pequeno mundo pudessem considerar a lei de Deus como devia ela ser considerada; mas foi para reivindicar o caráter de Deus perante o Universo."[5]

Na obra culminante do plano da salvação, por meio da purificação do santuário celestial e daqueles que, pela fé, nele adoram, o nome de Deus será finalmente vindicado de todas as acusações que Satanás trouxe sobre Ele.

A harmonia reinará de novo no Universo quando todos declararem: "Grandes e maravilhosas são as Tuas obras, Senhor, Deus Todopoderoso! Justos e verdadeiros são os Teus caminhos, ó Rei dos santos!" (Apocalipse 15:3).

CONCLUSÃO

O Espírito de profecia faz referência ao interessante fato de, na língua inglesa, a palavra *atonement* (expiação) ser uma combinação de três palavras diferentes: AT-ONE-MENT (Em-uma-mistura). Seu significado é sinônimo à palavra "reconciliar".

Desde que o pecado trouxe, pela primeira vez, separação entre a humanidade e o Criador, era plano e desejo de Deus reconciliar o mundo consigo, recriar na humanidade Sua própria imagem. É pela obra do dia da expiação final que a humanidade estará novamente "em-uma-mistura" com Deus.

Enquanto Jesus roga como nosso Sumo Sacerdote, há esperança para cada pecador arrependido. Mas quando Ele finalmente sair do santuário, a porta da graça estará para sempre fechada. Não haverá intercessor então. No tipo, quando o sumo sacerdote saía do santuário, ele havia "acabado de fazer expiação" (Levítico 16:20). Quando nosso Sumo Sacerdote sair do santuário, proclamará: "Quem é injusto faça injustiça ainda; e quem está sujo suje-se ainda; e quem é justo faça justiça ainda; e quem é santo seja santificado ainda." (Apocalipse 22:11). Cada caso estará decidido para a eternidade. O tempo de graça estará para sempre terminado.

Amado, você e eu somos parte da congregação que aguarda no átrio exterior, com coração tremente, pelo desenrolar dos eventos finais e pelo fim do dia da expiação, para que Cristo possa logo retornar e levar-nos ao lar. Enquanto a misericórdia ainda prolonga-se, examinemos rigorosamente nossa vida à luz do serviço do santuário, confessemos nossos pecados mais íntimos e confiemos a purificação de nossa vida às mãos de nosso Sumo Sacerdote, pois "Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça" (1 João 1:9).

Referências:

1 *Testemunhos para a igreja*, vol. 5, p. 575.

2 *Patriarcas e profetas*, p. 357.

3 *Caminho a Cristo*, p. 101.

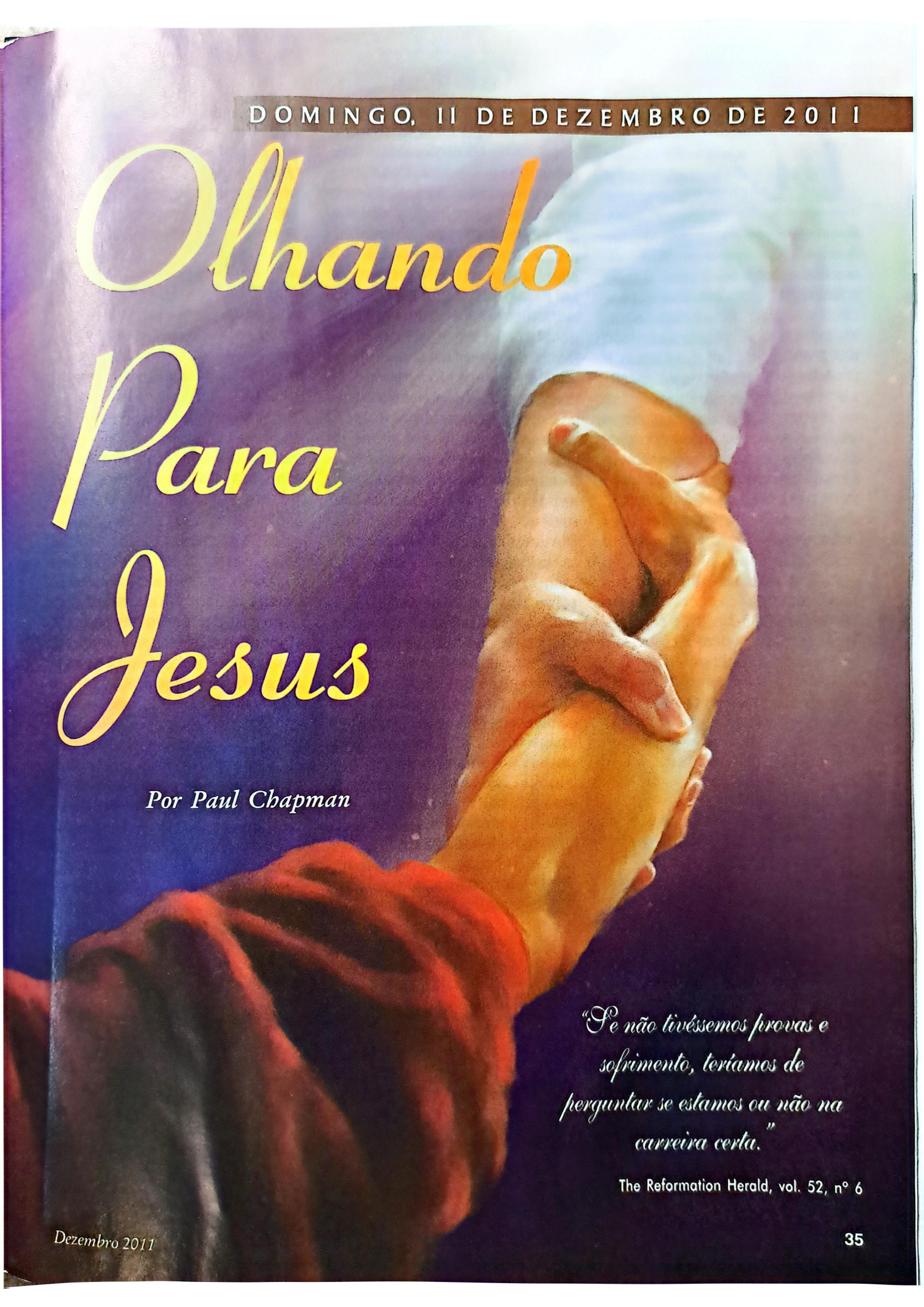
4 *Testemunhos para a igreja*, vol. 5, p. 520.

5 *Refletindo a Cristo*, p. 42.

DOMINGO, 11 DE DEZEMBRO DE 2011

Olhando Para Jesus

Por Paul Chapman



"E não tivéssemos provas e sofrimento, teríamos de perguntar se estamos ou não na carreira certa."

The Reformation Herald, vol. 52, nº 6

Uma vez falei com uma querida senhora de idade que culpava a Deus por seus problemas. "Se Ele me ama," questionou, "então por que tenho todos esses problemas?" Vinha vivendo sozinha por algum tempo e tinha enfrentado várias provações pessoais. Isso havia cobrado seu preço. Ela havia atingido um ponto em que começara a duvidar se Deus lhe ouvia as preces. Parecia que ela estava quase na iminência de jogar tudo para o alto. Após alguma argumentação, ela recobrou o domínio de maneira tranquilizadora e disse: "Não se preocupe. Eu sei. Não se pode desistir. Só se deve continuar caminhando, e deixar tudo com o Senhor."

Essa conversa lembrou-me da passagem bíblica encontrada em Hebreus 10:35-39: "Não rejeiteis, pois, a vossa confiança, que tem grande e avultado galardão. Porque necessitais de paciência, para que, depois de haverdes feito a vontade de Deus, possais alcançar a promessa. Porque ainda um poucochinho de tempo, e O que há de vir virá e não tardará. Mas o justo viverá da fé; e, se ele recuar, a Minha alma não tem prazer nele. Nós, porém, não somos daqueles que se retiram para a perdição, mas daqueles que creem para a conservação da alma."

Por vezes os problemas com que nos deparamos em nossa vida cristã lançam uma pesada nuvem sobre nós. As promessas que Deus tem reservadas para nós são bloqueadas da visão. Torna-se um desafio manter a confiança que tínhamos em Deus no princípio de nossa caminhada. "Não rejeiteis, pois, a vossa confiança", escreveu o apóstolo. Mas retenhamos "firmemente o princípio da nossa confiança até o fim" (Hebreus 3:14). Se assim fizermos, seremos recompensados além de nossa imaginação, pois no fim do caminho ao Céu há uma maravilhosa recompensa – honra, imortalidade e vida eterna. Mas o apóstolo lembra-nos que, para compreender essas promessas, precisamos de paciência. A paciência não é algo fácil de obter. Na verdade, é por essa mesma razão que temos tantas provas. Tiago declara que a paciência é desenvolvida pela "prova da vossa fé" (Tiago 1:3). Se não tivéssemos provações, não desenvolveríamos a paciência necessária para manter nossa confiança em Deus até o fim. Somente por uma vida de fé podemos enfrentar as provas da vida. Problemas virão, mas não podemos permitir que eles nos levem a recuar. Devemos continuar energicamente, a despeito das dificuldades, com uma crença que resulta na salvação de nossa alma.

Para ajudar-nos em nosso caminho, o capítulo seguinte de Hebreus define o tipo de fé de que precisamos. Em Hebreus 11, o apóstolo narra a história dos admiráveis heróis da fé. Pinta uma imagem cativante do que significa viver pela fé em meio a tribulação. Ele chama esses heróis de uma "grande nuvem de testemunhas" – testemunhas que devem inspirar todos nós a que "deixemos todo embaraço e o pecado que tão de perto nos rodeia e corramos, com paciência, a carreira que nos está proposta" (Hebreus 12:1).

CORRENDO A CARREIRA

A vida cristã é uma carreira. Mas o que isso significa para nós? A palavra grega usada para "carreira" é *agone*, a raiz da palavra "agonia". Isso deve trazer-nos à mente alguma ideia do que está envolvido em correr uma "carreira". Envolve esforço, abnegação, e às vezes significante sofrimento. Em outros lugares, a palavra é traduzida como "competição", "disputa" e "batalha". Originalmente, significava o lugar de reuniões onde ocorriam as competições. Com o passar do tempo, veio a significar a competição em si. O termo alude às antigas competições gregas e romanas que envolviam grande esforço, dor e sofrimento para ganhar. Isso ajuda-nos a ver que nossa carreira não é uma questão simples. É uma competição, ou batalha, que significará esforço, dor e sofrimento. Mas nossa batalha não é contra um inimigo físico. É contra o eu e o pecado. "A guerra [...] é a maior batalha jamais travada."[1] O apóstolo Paulo a chama "o bom combate da fé" (1 Timóteo 6:12).

"A vida cristã é uma guerra. O apóstolo Paulo fala de uma luta contra os principados e potestades enquanto porfiava no bom combate da fé. Novamente ele declara: 'Ainda não resististes até o sangue, combatendo contra o pecado.' (Hebreus 12:4). Ah, não! Hoje o pecado é acariciado e desculpado. A afiada espada do Espírito, a Palavra de Deus, não cortou até a alma. Mudou, porventura, a religião? A inimizade de Satanás por Deus diminuiu? A vida religiosa antes apresentava dificuldades e demandava abnegação. Tudo é fácil agora. E por que isso? O professo povo de Deus comprometeu-se com os poderes das trevas."[2]

Em vista disso, podemos agradecer a Deus por termos provas e sofrimento. Se não os tivéssemos, então teríamos de perguntar se estamos ou não na carreira certa. É por isso que o apóstolo Paulo pôde dizer: "estou [...] transbordante de gozo em todas as nossas tribulações" (2 Coríntios 7:4). Nunca deixe que as provas o desencorajem de correr a carreira. Quando tentado a desistir, tome algum tempo para olhar à

vida daqueles que vieram antes de nós – à grande nuvem de testemunhas a que o apóstolo se referiu em Hebreus 11. Se isso por si só não for suficiente para inspirar-nos a terminar a carreira, o apóstolo dá-nos a suprema fonte de inspiração: "olhando para Jesus, Autor e Consumador da nossa fé" (Hebreus 12:2). Nessa carreira, ou batalha, ninguém já experimentou o grau de sofrimento e agonia experimentados por nosso Salvador. Pela alegria que foi colocada diante dEle, Jesus suportou a cruz enquanto menosprezou a vergonha dela, e está agora à destra de Deus, sempre pronto a ministrar por nós. Para fazer isso, Jesus tomou sobre Si nossa natureza humana decaída, enfraquecida e débil. Rodeado pela fragilidade, pôde ser habilitado para experimentar o sofrimento que vem por meio de prova e tentação.

Da próxima vez em que pensarmos que nossa sorte é dura de enfrentar, olhemos a Jesus. Algum de nós pensa ter uma cruz pesada a carregar? Ninguém tem uma cruz mais pesada do que a de Cristo. Pensamos ter grandes provas a suportar? Nenhuma é maior do que as de Cristo. Pensamos ter tentações quase esmagadoras às quais resistir? Ninguém teve maiores tentações do que aquelas às quais Cristo resistiu. Quão grandes eram elas?

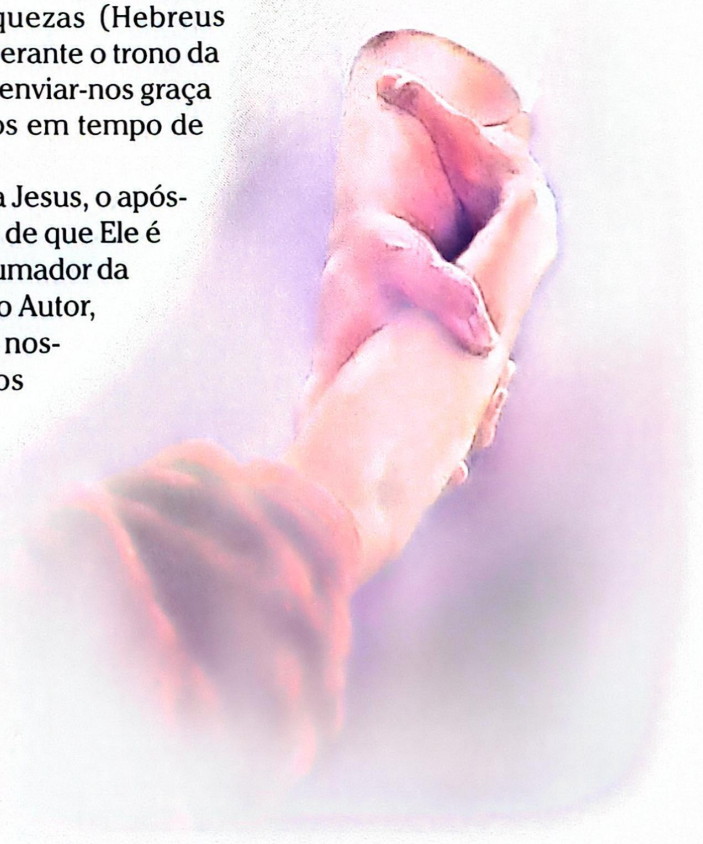
"As tentações às quais Cristo foi sujeitado eram uma terrível realidade. Como um ser livre, Ele foi colocado sob provação, com liberdade para ceder às tentações de Satanás e trabalhar em propósitos opostos aos de Deus. Se não fosse assim, se não fosse possível a Ele cair, Ele não poderia ter sido tentado em todos os pontos como a família humana é tentada. As tentações de Cristo, e os sofrimentos dEle quando sob elas, eram proporcionais a Seu caráter elevado e sem pecado. Mas em todo momento de aflição, Cristo volveu-Se para o Pai. Ele resistiu até o sangue (Hebreus 12:4) naquela hora em que o medo de fracasso moral era o medo da morte. Quando ajoelhado no Getsêmani, em Sua agonia de alma, gotas de sangue caíram-Lhe dos poros e umedeceram o solo da Terra. Ele orou com forte choro e lágrimas, e foi ouvido por Aquele a quem temia. Deus O fortaleceu, assim como fortalecerá todo o que se humilhar e se lançar, corpo, alma e espírito, nas mãos de um Deus que honra Seu concerto."[3]

Porque Jesus venceu todas aquelas provas e tentações na mesma natureza decaída que você e eu possuímos, Ele sabe exatamente de qual ajuda precisamos para vencer nossas provas e tentações (Hebreus 2:18). Quando nos sentirmos tão oprimidos com o peso de nossas provas, olhemos a Jesus. Nós ainda não lutamos contra o pecado resistindo até o sangue. Mas Jesus sim. Como nosso Sumo Sacerdote, alguém que pode compadecer-Se de nossas fraquezas (Hebreus 4:15), Ele está perante o trono da graça, pronto a enviar-nos graça para auxiliar-nos em tempo de necessidade.

Olhando para Jesus, o apóstolo nos lembra de que Ele é o "Autor e Consumador da nossa fé". Como Autor, ou Iniciador, de nossa fé, Jesus nos deixou um maravilhoso exemplo de paciência sob provocação, de humildade em face de orgulho e arrogância, de benevolência em troca de orgulho e insulto. Podemos esperar algo menos em nossa carreira? "Da manjedoura à cruz, a vida do Salvador foi um convite à entrega, e à participação no sofrimento."[4]

Em vista desse convite, deixe-me compartilhar duas sentenças curtas, mas inspiradoras, encontradas em *O Desejado de Todas as Nações:*

"Desde a mais tenra idade, possuía-O [Jesus] um único desígnio: vivia para beneficiar os outros."[5] Essa era a forte ambição de Sua vida. Nada mais importava. Suas próprias provas e sofrimentos não O detiveram desse propósito. A oposição de pecadores contra Sua pessoa – os escárnios, insultos, injúrias e repreensões deles –, Ele tudo enfrentou sem retaliação, dando bênçãos em troca de insultos. Quer fosse a cura do sur-



"Sendo-Lhe negada até a brilhante esperança e confiança no triunfo que obterá no futuro, clama Ele com grande voz: 'Pai, nas Tuas mãos entrego o Meu espírito.'"

do, do mudo, do cego, do doente e do aleijado, quer o dar de comer ao faminto, quer a ressurreição de um morto ou as orações por Seus discípulos e todos que creriam nEle, cada ato de Sua vida era para abençoar outros. E quando Ele finalmente estava pendurado na cruz, com o peso de nossos pecados sobre Ele – esmagando-Lhe a vida, causando tal agonia que nenhum de nós pode jamais avaliar –, Seus últimos pensamentos foram pelo bem de outros. As palavras ditas a Sua mãe, que ali estava a Seus pés, e pelo ladrão suspenso na cruz ao Seu lado, e mesmo a oração por Seus próprios assassinos – "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem." (Lucas 23:34) –, tudo foi dito em cumprimento ao propósito da vida dEle. "Vivia para beneficiar os outros." Nada O deteria desse propósito. Em Seu último ato, esse propósito alcançaria seu máximo cumprimento na ratificação do Novo Concerto. "Em ti serão benditas todas as famílias da Terra" (Gênesis 12:3). Dando Sua vida como resgate pelo pecado, as bênçãos do novo concerto estariam disponíveis a todos, tanto judeus quanto gentios, cativos e livres, homens e mulheres. Nesse ato, Ele trouxe acesso ao Pai por um novo e vivo caminho. Esse caminho era mediante Ele mesmo.

Ele suportou a cruz. Não somente a agonia física da cruz: "Àquele que não conheceu pecado, [Deus] O fez pecado por nós" (2 Coríntios 5:21). A angústia mental trazida por nosso pecado sobre a mente dEle foi incrível. Isaías havia profetizado: "Mas Ele foi ferido pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades" (Isaías 53:5). Do Getsêmani à cruz, essa profecia foi cumprida. "[...] esmagava-Lhe a alma o sentimento da ira divina [contra o pecado]."[6]

Maior do que isso, porém, foi o sofrimento causado pelo senso do afastamento da presença de Seu Pai. O eterno Filho de Deus, pela primeira vez em Sua existência, experimentou a separação do Pai. Era muito a suportar!

"Oh, já houve acaso sofrimento e dor iguais àqueles que foram suportados pelo moribundo Salvador? Foi o senso do desagrado do Pai que Lhe tornou o cálice tão amargo. Não foi o sofrimento físico que pôs tão rápido fim à vida de Cristo na cruz. Foi o peso esmagador dos pecados do mundo, e o senso da ira de Seu Pai. A glória do Pai, Sua mantenedora presença, haviam-nO abandonado, e o desespero pressionava sobre Ele seu peso esmagador de trevas, arrancando-Lhe dos pálidos e trêmulos lábios o angustioso grito: 'Deus Meu, Deus Meu, por que Me desamparaste?' (Mateus 27:46).

Jesus unira-se ao Pai na criação do mundo. Por entre os angustiosos sofrimentos do Filho de Deus, unicamente os homens cegos e iludidos permaneciam insensíveis. Os príncipes dos sacerdotes e os anciãos ofendiam o querido Filho de Deus em Sua agonia da morte. Todavia a natureza inanimada geme em simpatia com Seu ensanguentado e moribundo Autor. A Terra treme. O Sol recusa-se a contemplar a cena. O céu se enegrece. Os anjos assistiram à cena de sofrimento até que não mais puderam contemplá-la, e ocultaram o rosto do horrendo espetáculo. Cristo está morrendo! Está como que sem esperança! É retirado o sorriso aprovador do Pai, e aos anjos não é permitido aclarar as sombras da hora terrível. Não podiam senão olhar em assombro a seu amado Comandante, a Majestade do Céu, a sofrer o castigo da transgressão do homem à lei do Pai."[7]

"O castigo que nos traz a paz estava sobre Ele" (Isaías 53:5). Parece-nos difícil entender como o Pai eterno pôde tratar Seu Filho dessa maneira. Mas isso não foi um ato de um pai vingativo castigando o filho injustamente. O castigo, ou disciplina, trazido sobre Jesus era necessário para nossa salvação.

"Ainda que era Filho, aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu." (Hebreus 5:8). O caminho da obediência, para Cristo, continha muitos testes e provas, mais do que nós jamais seremos chamados a suportar. Nessas provas estavam os meios de castigo que Jesus sofreu a fim de trazer-nos paz. Não Lhe veio nada no caminho que não tenha sido permitido pelo Pai. Tudo isso foi feito para trazer-nos paz com Deus. Para um discípulo de Cristo, o caminho da obediência também requererá disciplina e sofrimento. Como um

pai amoroso castiga seu filho, porque o ama e cuida dele, assim nosso Pai celestial nos castigará, ou disciplinará. Essa disciplina é necessária a fim de desenvolver em nós o fruto pacífico de justiça.

Infelizmente, muitos são tentados a duvidar do cuidado e do amor de Deus para com eles por causa das provas. Com Jesus não foi diferente. "Até mesmo dúvidas assaltaram o agonizante Filho de Deus. Ele não podia enxergar para além dos portais do sepulcro. Não havia uma luminosa esperança a apresentar-Lhe Sua saída vitoriosa do túmulo, e a aceitação do sacrifício que fazia, por parte de Seu Pai. O pecado do mundo, com toda a sua terribilidade, foi sentido até o máximo pelo Filho de Deus. A aversão do Pai pelo pecado, e a penalidade deste, que é a morte, era tudo quanto Ele podia divisar através destas espantosas trevas. Foi tentado a temer que o pecado fosse tão ofensivo aos olhos de Deus Pai que Ele não Se pudesse reconciliar com o Filho. A terrível tentação de que Seu Pai O houvesse abandonado para sempre deu lugar àquele penetrante brado desprendido da cruz: 'Deus Meu, Deus Meu, por que Me desamparaste?' (Mateus 27:46)."[8]

Quantas pessoas proferiram o mesmo brado? Se você é uma delas, querido leitor, lembre-se de que não está sozinho. Mesmo nosso Salvador sentiu-Se abandonado. Sua última grande provação desafiou-Lhe a confiança em Deus ao máximo. "A fé e a esperança vacilavam nas agonias de Cristo moribundo, pois Deus retirara a certeza que até então concedera a Seu amado Filho, de Sua aprovação e aceitação."[9]

Nessa experiência, Jesus deixou-nos uma lição. Sem qualquer certeza da aceitação de Deus, em que Ele fiou-Se durante essa terrível provação? "O Redentor do mundo apoiou-Se então nas evidências que até aí O haviam fortalecido, de que o Pai aceitava Seus esforços e estava satisfeito com Sua obra."[10] Quais eram essas evidências? As vezes, em Sua experiência anterior, em que o Pai havia declarado: "Este é o Meu Filho amado, em quem Me comprazo." (Mateus 3:17). Foram essas e outras evidências, as palavras de Deus ditas em favor de Jesus, que O habilitaram a permanecer firme até o fim.

"Na agonia da morte, ao depor Ele a preciosa vida, tem de confiar **unicamente pela** fé nAquele a quem obedecer fora sempre Sua alegria. Não O animam claros, luminosos raios de esperança à direita ou à esquerda. Tudo se acha envolto em opressiva escuridão. Em meio das pavorosas trevas experimentadas pela compassiva natureza, bebe o Redentor o misterioso cálice até o fim. Sendo-Lhe negada até a brilhante esperança e confiança no triunfo que obterá no futuro, clama Ele com grande voz: 'Pai, nas Tuas mãos entrego o Meu espírito.' (Lucas 23:46). Ele conhece o caráter do Pai, Sua justiça, misericórdia e grande amor e, submisso, entrega-Se-Lhe nas mãos."[11]

Nesse ato, Jesus selou o novo concerto. Hoje Ele oferece as bênçãos desse concerto a todos os que creem. Por causa da descrença, o antigo Israel fracassou em receber essas bênçãos. Rebelaram-se contra a disciplina e a correção às quais seu Pai lhes sujeitou. Nosso perigo é de, em vez de aceitarmos as provas e a disciplina de um amoroso Pai celestial como algo necessário para nosso desenvolvimento, fazermos o mesmo. Precisamos nos lembrar de que a vida de Jesus foi um convite "à participação no sofrimento". A nossa deve ser o mesmo.

"Porque para isto sois chamados, pois também Cristo padeceu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigais as Suas pisadas, O qual não cometeu pecado, nem na Sua boca se achou engano, O qual, quando O injuriavam, não injuriava e, quando padecia, não ameaçava, mas entregava-Se Àquele que julga justamente, levando Ele mesmo em Seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro, para que, mortos para os pecados, pudéssemos viver para a justiça; e pelas Suas feridas fostes sarados." (1 Pedro 2:21-24).

Querido leitor, se sua fé e esperança em Deus estão estremecendo, o que você deve fazer? Olhe para Jesus e faça como Ele fez. Olhe ao passado, para onde você viu a luz pela última vez, para onde, pela última vez, você sentiu a consciente certeza da aprovação divina e da Sua aceitação. Foi isso que Jesus fez. Foi isso que O capacitou a resistir até o fim, a confiar em Deus enquanto Se fiava em nada mais além de nas promessas de Sua Palavra. Isso é viver pela fé. É a fé de Jesus. Como o Consumador, ou "Aperfeiçoador", de nossa fé, Jesus está constantemente trabalhando para desenvolver a mesma fé em você. É essa fé que todos devemos ter, se queremos resistir até o fim. "Aqui está a paciência dos santos; aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus." (ver outra versão) (Apocalipse 14:12).

Referências:

1 *Testemunhos para a igreja*, vol. 3, p. 106.

2 Ibidem, vol. 5, p. 222.

3 *The Youth's Instructor*, 26 de outubro de 1899.

4 *O Desejado de Todas as Nações*, p. 57.

5 Ibidem, p. 70.

6 Ibidem, p. 687.

7 *Testemunhos para a igreja*, vol. 2, p. 209.

8 Ibidem, pp. 209 e 210.

9 Ibidem, p. 210.

10 Ibidem.

11 Ibidem, pp. 210 e 211.

Recebendo a Vitória

Olhe para o alto, e imagine lá –
Além das nuvens e do espaço sideral...
Nosso Autor e Criador diz:
"Para você preparo agora um lugar eternal."

Para nos purificar, Ele muito sofreu,
Pagou o débito por todos os nossos defeitos.
Mas Ele ainda vê o modo como estamos
E lamenta: "Ainda não estão perfeitos!"

Seus olhos contemplam a Terra inteira,
— Cada cidade, cada condado —
Registrando claramente todas as nossas palavras;
Cada pensamento nosso é anotado.

Os anjos têm a pena em mãos;
Com extrema precisão eles estão a traçar
Cada ato bom ou mau que fazemos;
Um registro que todos devemos encarar.

Enquanto o astuto inimigo nos ataca fortemente,
E como uma torrente, dardos são arremessados,
Olhe para o alto – nosso Sumo Sacerdote ali está por nós
E pleiteia os méritos de Seu sangue derramado!

Nossa única esperança de vida é esta:
Cada pequeno pecado confessar, abandonar.
Viver em amor e gratidão:
A semelhança com Cristo ainda podemos ganhar!

Certo anjo tem na mão
Aquela marca especial, do próprio Deus o selo,
Para concluir Sua obra em nós
A cada coração Ele faz um apelo:

"Renda-se inteiramente, enquanto você pode –
Embora possa parecer por demais profundo.
O único caminho para a bem-aventurança no Céu
É mediante o Cordeiro que tira o pecado do mundo."

O Universo está observando
(E em breve eles admitirão, a qualquer custo)
Para ver, de fato: O Magistral Juiz
É fiel, verdadeiro, puro e justo.

E quando tudo estiver dito e feito,
Uma verdade ergue-se como um clamor:
Será por toda alma sabido
Que o Deus do Céu – oh, sim – é amor!

B. Monteiro